

MOSTRA DE CURTAS 2005



MOSTRA DE CURTAS
2005

MOSTRA CURTAS 2005

“DO GRÃO AO PIXEL: OS MATERIAIS DO CINEMA.”

Não podemos deixar de saudar e, ao mesmo tempo, manifestar um agradecimento muito especial à [Videoteca de Lisboa](#) por mais esta iniciativa.

A curta-metragem, como iniciação e experimentação principais da actividade cinematográfica, dificilmente consegue circular fora dos tradicionais circuitos de distribuição, sendo os festivais e as mostras, onde se concentram, normalmente, os observadores mais atentos e interessados no desenvolvimento da criação artística, as únicas oportunidades dos autores mostrarem os seus trabalhos. Daí a importância desta [6ª Mostra de Curtas-Metragens Portuguesas de 2003 e 2004](#).

É o regresso das curtas à [Videoteca de Lisboa](#). Uma iniciativa que vai permitir a exibição de todas as curtas inscritas: as premiadas e não premiadas em festivais. Será o verdadeiro observatório dos caminhos e rumos dos novos criadores portugueses. Ali estará também o futuro do nosso cinema.

Parabéns à Videoteca e ao esforço do seu director, António Cunha, que ao longo dos anos, consciente da importância do audiovisual no enriquecimento do conhecimento, se dedica à sua preservação e divulgação.

.FICHA TÉCNICA	Direção .António Cunha. antonio.cunha@videotecalisboa.org.
Produção e Programação	Inês Sapeta Dias. ines.sapetadias@videotecalisboa.org.
Design Gráfico e Direção Spot	Valdemar Lamego. valdemar.lamego@catchinglargeneonlights.com.
Produção Executiva	Videoteca Municipal de Lisboa.

ORGANIZAÇÃO_

 **Lisboa**



VIDEOTECA
Municipal de Lisboa



APÓIOS_

carris 



SONY

accenture
High performance. Delivered.

008. O REGRESSO DAS CURTAS

DO GRÃO AO PIXEL

- 012. MOSTRAR
- 014. DISPUTA DE SUPORTES
- 018. MATERIAIS DE DESTRUIÇÃO
- 020. TODO O UNIVERSO... OU NADA?
- 022. SÓ 1 EXERCÍCIO
- 023. DESAFIOS

OS MATERIAIS DO CINEMA

ESBOÇAR [um primeiro olhar]

- 028. FRAGMENTO 1
- 029. ABRAÇO DO VENTO
- 030. A ESTRELA
- 031. A OLHAR PARA CIMA
- 032. UMA NOITE AO ACASO

TRANSFERIR I [passar de um a outro]

- 034. PRE-EVOLUTION SOCCER’S ONE MINUTE DANCE
AFTER A GOLDEN GOAL IN THE MASTER LEAGUE
- 035. DIES IRAE
- 036. FRONTEIRAS
- 037. DUAS PESSOAS
- 038. DA MINHA JANELA
- 039. O DESALMADO
- 040. PÓS_
- 041. O ÚLTIMO DOS SONHOS
- 042. UMA LINHA VERTICAL E DUAS MÃOS

APROXIMAR [intimidade video I]

- 044. SEM RESPIRAR
- 045. PERTO
- 046. W.

PINTAR, BRINCAR, JOGAR [curtas para crianças I]

- 048. BOM DIA BENJAMIN
- 049. A COR NEGRA
- 050. A OVELHA AZUL
- 051. AS COISAS LÁ DE CASA
- 052. O OUTRO LADO DO ARCO-ÍRIS

TRANSFERIR II [do amor]

- 054. UM PEQUENO CRIME
- 055. B.D.
- 056. O ESTRATAGEMA DO AMOR
- 057. A RAPARIGA NO ESPELHO

RESISTIR I

- 060. QUEM É RICARDO?
- 061. AGUENTA RAPAZ
- 062. TIMOR LORO SAE
- 063. I’LL SEE YOU IN MY DREAMS

ESTILHAÇAR

[os destroços vistos pelo vídeo e pela película]

- 066. DESTRUIÇÃO DE UMA CASA DE BANHO
- 067. 5CM PARA A MORTE
- 068. A PISCINA

RESISTIR II

- 070. CLANDESTINO
- 071. VORAGEM
- 072. O NOME E O N.I.M
- 073. AMANHÃ

APROXIMAR [intimidade video II]

- 076. EYE SPY
- 077. A FANTASISTA
- 078. ANÓNIMO
- 079. LASTRO

ESCURECER [o outro lado]

- 082. UM CASO BICUDO
- 083. O SERIAL KILLER
- 084. FIGURAS OBRIGATÓRIAS
- 085. PART-TIME

RECORDAR [grão de memória]

- 088. 810x3
- 089. ABALAR
- 090. A CASA ESQUECIDA
- 091. PASTORAL

PROVOCAR, CANTAR, VOAR [curtas para crianças II]

- 094. ZÉ E O PINGUIM
- 095. HÍSSIS
- 096. AS AVENTURAS DE MÓLI
- 097. COSMIX
- 098. AS AVENTURAS DO PATINHO

REBOBINAR [review fast forward]

- 100. A DAMA DA LAPA
- 101. O PACIENTE
- 102. HOJE FOI AMANHÃ
- 103. UM CÍRCULO PERFEITO
- 104. UNDO

O REGRESSO DAS CURTAS

NO DIA EM QUE A VIDEOTECA FAZ 13 ANOS

Um inesperado conjunto de circunstâncias veio determinar, em 2004, o cancelamento da já clássica **Mostra de Curtas Metragens** anualmente organizada pela Videoteca. Mas tendo sido possível corrigir os principais aspectos que tinham provocado o revés do ano passado, as *Curtas* regressam ao Fórum Lisboa através dos **59 filmes** que desenham a programação deste ano, pela primeira vez coincidente com as Festas da Cidade e, assim, distribuída ao longo dos primeiros dias deste mês de Junho em que a Videoteca celebra 13 anos de intensa actividade. Parabéns Videoteca.

No que respeita ao espírito e objectivos da Mostra, mantemos obviamente intactas as características que a tornaram tão útil e tão singular, ou seja: ser um festival não competitivo (livre de pré-selecções, modas ou gostos pessoais) garantindo assim um olhar francamente independente, aberto e intrinsecamente democrático sobre toda a produção nacional de curtas-metragens de ficção, sejam elas de autores consagrados ou de outros que ensaiam os primeiros passos no cinema, num verdadeiro observatório da produção portuguesa que reúne curtas em ante-estreia, curtas premiadas ou curtas nunca antes seleccionadas para festivais.

Quanto à programação, julgo dever destacar dois aspectos: um deles (e por certo o mais relevante) tem a ver com o facto de termos abolido qualquer distinção entre película e vídeo. Não só porque a vertiginosa evolução tecnológica tem vindo a remeter a lógica dessa dicotomia para um plano meramente retórico, mas também porque é crescente a quantidade de curtas que são originalmente rodadas e produzidas em vídeo, só ganhando o “estatuto” de “filme” quando, depois de concluídas, são laboratorialmente transferidas para negativo de 35 milímetros.

Uma prática hoje em dia tão banal que ajuda a provar (se alguma dúvida houvesse...) que não é o suporte que determina actualmente a estética do cinema. Porque, se assim fosse, muitos milhões de amantes de cinema teriam repudiado a existência de obras notáveis como “Saraband” ou “A Arca Russa” ou mesmo, no caso português, o excelente “A Costa dos Murmúrios”. E não consta que tal tenha acontecido.

O segundo aspecto (e que do anterior directamente decorre) tem a ver com os filmes que muito provavelmente “escaparam” à nossa pesquisa deste ano. Até à Mostra de 2003, o programa era essencialmente composto pelo conjunto de curtas-metragens que resultavam dos concursos de apoio à produção do ICAM, e por isso relativamente fáceis de identificar. Este ano, abandonando esse princípio, abrimos espaço à participação de outras curtas-metragens que conseguiram germinar sem o apoio financeiro do ICAM.

Um factor que de bom grado nos leva a ponderar, já para a Mostra de 2006, a abertura de um processo de inscrições que complemente, com eficácia, a pesquisa feita pela Videoteca. Então, mais do que hoje e do que ontem, a nossa Mostra de Curtas Metragens será um olhar ainda mais abrangente e realmente completo sobre a produção nacional, na qual começa a afirmar-se a produção em vídeo de alta definição cuja sofisticação já exhibe potencialidades tão evidentes que não podem mais ser ignoradas na lógica da produção cinematográfica contemporânea.

Para terminar, não posso deixar de sublinhar aqui um agradecimento muito especial à SONY PORTUGAL por se ter associado, de forma tão intensa, à nossa Mostra deste ano, oferecendo-nos não só o raro privilégio de projectarmos Alta Definição no imenso auditório do Fórum Lisboa, como também a possibilidade que nos deu de promovermos um “workshop” com um tipo de equipamento que sinceramente acredito vocacionado para o fértil terreno das curtas, da vídeo-arte e do documentário; áreas que têm sido, afinal, as grandes linhas de força da actividade desenvolvida, há 13 anos, pela Videoteca Municipal nas áreas da Formação, da Produção e da Divulgação.

Obrigado também aos realizadores e produtores que mais uma vez acreditaram que vale a pena manter no calendário nacional uma Mostra de Curtas Metragens como esta: exclusiva para a produção portuguesa e sempre aberta à participação de todos.

Hoje talvez se filme *assim*; amanhã talvez se filme *assado*; mas enquanto houver luz e movimento o cinema existirá (e as curtas também...)

DO GRÃO AO PIXEL



MOSTRAR

No princípio estava o grão, as texturas, os riscos, a profundidade de campo, o palpável da película sensível à impressão de luz, testemunha de um passado trazido ao agora através de um processo de revelação. A película (como diz Barthes da fotografia) fala de um momento que já não é, e chega-nos indirectamente, através de uma mediação química, fixadora de sombras e contraste...

E depois veio o vídeo, rápido e imediato, frenético. Actual, pixelizado, imaterial. O zoom infinito e o tudo feito perto, sem escala. O poro tornado vulcão. E a montagem que se torna desmontagem, pela decomposição possível de uma imagem em milhares de outras.

Primeiro o desejo e depois a pornografia. De um lado a revelação, do outro o imediato.

A rigidez em contraste com a decomposição. O longe e o perto vs a eterna superfície, a relação, a análise, o discurso...

De um lado a melancolia de uma recordação, do outro a frieza de uma recensão em tons de azul...

O vídeo no percurso do cinema é visto de dois lugares: o apocalíptico cujo discurso se apoia num maniqueísmo da película e do digital, onde o segundo surge como assassino do cinema; e o optimista que vê no vídeo um potencial meio de análise. Um olhar que encontra neste meio uma potencialidade teórica, uma facilidade na manipulação e desconstrução da imagem que o colocam simultaneamente dentro

e fora do cinema permitindo-lhe uma análise do próprio cinema que também serve. Ou seja, permite um trabalho do filme sobre o filme no próprio filme (...*Histoire(s) du cinema*...), numa espécie de posição cínica perante a cultura a que pertence.

E entre pontos de vista questiona-se então o lugar do cinema. O novo obriga a um reposicionamento do existente (algo que acompanhou todas as descobertas e inventos, ou avanços tecnológicos), a um novo desenhar de fronteiras, a uma nova definição. O cinema transforma-se com o vídeo, mas sobrevive nos planos, aquela que talvez seja a sua unidade essencial, que se mantém apesar do suporte. Quer sejam com grão, quer surjam pixelizados, é aos planos que se resume o cinema, a unidade no centro do confronto entre a técnica, o mundo, e o olhar... (pode falar-se de pintura a óleo, aguarela, acrílico, sobre tela, madeira, papel... continuamos a falar de pintura...).

...
Na Mostra de Curtas 2005 a reflexão em volta dos materiais do cinema surge com a abertura da programação às curtas metragens realizadas em vídeo (até à data a projecção em vídeo era esporádica). Lado a lado serão vistos filmes rodados em 35mm, em 16mm ou mini dv (alguns destes últimos transferidos para película). Para que este gesto não fosse tomado de ânimo leve levou-se a questão ao catálogo e à própria programação que assim se submetem ao tema: *do grão ao pixel - os materiais do cinema*.

INÊS SAPETA DIAS
PRODUÇÃO E PROGRAMAÇÃO

Para o catálogo foram desafiadas pessoas relacionadas com as curtas metragens ou com o cinema em geral a pensar esta questão no âmbito da produção de curtas, tentando centrar a questão habitualmente pensada junto ao cinema todo. *Les vidéofilms ne sont supportables que courts, ils saturent tout de suite l'attention* (os filmes vídeo só são suportáveis enquanto curtos, saturam imediatamente a atenção)... esta afirmação de Pascal Bonitzer serviu no convite à escrita para exactamente centrar a questão: será de facto a curta metragem o local propício (e único) para explorar os meios digitais? E que relação têm os realizadores, directores de fotografia com o material? A escolha do suporte prende-se apenas com constragimentos, ou existe uma opção consciente e fundamentada? No fundo, como se usam os materiais do cinema na realização de curtas metragens?

Do lado da programação o tema surgiu na organização dos blocos (que por isso têm títulos). A Mostra de Curtas da Videoteca tem desde a sua origem um carácter não competitivo, assente também numa não selecção (em princípio) dos filmes recebidos. Assim a programação estabelece-se não numa selecção mas organização, sublinho. Neste caso foram criados blocos cujos filmes olham para o tema de uma forma mais ou menos homogénea. Existem blocos onde esta homogeneidade é clara, por exemplo nas sessões *Aproximar*, onde a relação da intimidade com a presença da câmara, a questão da pose

e da encenação, e o próprio tema da proximidade entre pessoas em inter-relação é tocada directamente através de suportes diferentes (como falar do outro e de nós próprios através da película e do vídeo, no fundo). Outros blocos não são tão homogéneos, e a relação com o tema central não é tão clara... de alguma forma foi encontrada nos filmes uma continuidade ou um contraste forte que levaram a que fossem colocados lado a lado (talvez isto aconteça mais claramente na sessão *Transferir* onde em vez de homogeneidade procurou-se construir um percurso entre os filmes... todos eles falando de formas diferentes da transformação seja de personagens dentro do filme, seja de materiais no próprio filme).

Pormenores de organização. No geral esta será apenas a Mostra que assinala o regresso das Curtas à Videoteca. Uma mostra onde se mantém o desejo de *mostrar* o mais amplamente possível aquilo que foi a produção nos anos anteriores. Objectivo que se dificulta quando se abre a programação ao vídeo (sendo esta outra das questões presas ao digital, a democratização do cinema... a mostra torna-se amostra...). Lado a lado surgem filmes premiados em festivais internacionais, filmes de escola, de alto ou baixo orçamento. A selecção mantém-se desse lado.

DISPUTA DE SUPORTES

Com efeito, o suporte não se reduz às características físicas de um determinado meio. Mesmo quando o modernismo, por intermédio de alguns artistas e cineastas ditos experimentais, tais como Michael Snow, Hollis Frampton, Paul Sharits, tentou alcançar a especificidade dos diversos médiuns artísticos chegou, no caso do cinema, do filme, a uma especificidade em que o suporte era sinónimo de um todo que não se esgotava na película. O suporte do filme não seria nem a banda de celulóide com as imagens, nem a câmara, nem o projector que dá vida e movimento à película, nem o feixe de luz que as lança no ecrã, nem o próprio ecrã, mas tudo isto em conjunto, incluindo a posição da audiência, capturada entre a fonte de luz vinda detrás e a imagem projectada perante os olhos. O suporte seria todo este aparato, a condição de agregação numa unidade de todos estes elementos díspares.

Por sua vez, o aparecimento do vídeo vem revelar a impossibilidade de se deixar abarcar por uma conceptualização idêntica, ie, enquanto suporte no sentido da especificidade. Apesar de ser um suporte técnico distinto, com o seu próprio aparato, ocupa justamente um caos discursivo, uma heterogeneidade de actividades que não podem ser teorizadas como coerentes ou como tendo uma essência unificadora. De facto, foi desde sempre complicado circunscrever a questão do vídeo e delimitar com rigor aquilo que nomeia. Se na acepção mais corrente, a palavra vídeo serve para designar uma técnica de registo e de reprodução, a palavra excede este significado: entre outras coisas, serve por exemplo para referir um dispositivo de projecção, para referenciar filmes gravados nesse suporte, para designar uma forma de arte – a arte-vídeo, onde se desmultiplica em ferramenta crítica da televisão, traficante de imagens, reciclando-as e subvertendo-as plástica e politicamente, e nascendo das preocupações formais do modernismo, em explorador dos traços, particulares e distintivos, da imagem electrónica. No fundo, o que o vídeo encarna é o princípio da perca da especificidade dos suportes ou seja, a possibilidade, da pureza artística do suporte. O que o vídeo traz à luz é o princípio de divergência dos suportes em relação a si próprios como uma característica estruturante. Neste sentido, o cinema surge na sua relação à técnica e às questões materiais como algo de construído e de não adquirido. Ou seja, o cinema enquanto suporte deve ser antes visto como uma acumulação de convenções intrincadas de forma complexa, que por seu turno retroagem sobre a própria técnica e a constituem, e não como rebatível na fisicalidade do suporte entendido em sentido estrito. O suporte é aqui o conjunto de elementos que produzem as regras que gerem o próprio cinema. O que o vídeo ajuda a exhibir, enquanto técnica posterior, ao permitir, pela sua ausência de especificidade¹, que o cinema passe no seu interior, é que a técnica do cinema suporta uma complexidade interna de meios e suportes; logo que a sua especificidade é diferencial, e que a sua condição de suporte deve ser encontrada num movimento de auto-diferenciação que, justamente por se constituir enquanto agregado de suportes imbricados e de convenções acumuladas e estratificadas, é nesse sentido reinventável e rearticulável².

No fundo, o vídeo, e sobretudo as actuais possibilidades do vídeo numérico, não só ao nível da filmagem, mas também da montagem virtual, permite um regresso fantasma do cinema, das suas narrações e histórias, mas também das suas técnicas. Para além da reminiscência e da amnésia, o vídeo permite ao cinema deslocar-se entre suportes, abandonando o território da cinéfilia e do fechamento sobre si. O vídeo, excedendo o cinema, obriga-o a uma série de deslocamentos e de desdobramentos em relação a si próprio. São exemplo disto, a sujeição dos filmes, por parte de cineastas e artistas plásticos, a tratamentos diversos, que vão do *remake*, à apropriação, à desconstrução metódica, por intermédio de um conjunto de figuras e procedimentos videográficos - formas de repetição, *ralentis*, acelerados, interrupções e decomposições do fluxo do movimento, com a irrupção do fotográfico e da pausa na imagem. Tais figuras, com consequências sobre as texturas de superfície das imagens, são neste momento propriedades da imagem moderna, tendo sido, por sua vez, integradas pelo cinema comercial, enquanto efeitos-vídeo. O vídeo reflecte ainda o cinema projectando-o, em todos os sentidos da palavra, sobre suportes, múltiplos e diversos, o dispositivo de projecção cinematográfico combinando-se com outros modos de exposição das imagens.

Trata-se então da possibilidade de conceber o cinema para além de uma concepção de suporte que o reduza às suas propriedades físicas manifestas, ou seja, por exemplo, para além de qualquer fetichismo da película, enquanto garante de uma qualquer unidade e identidade especificamente cinematográfica. O cinema inscreve-se, de agora em diante, num espectro de técnicas – da fotografia às novas tecnologias passando pelo vídeo. Se o campo das artes plásticas é o lugar privilegiado de acolhimento desta nova condição do cinema, encontramos por outro lado uma prática bastante generalizada do vídeo que, situada para além da vídeo-arte contemporânea (suposta uma das pontas avançadas da vanguarda de hoje, e que releva de um modo videográfico de representação tido como plástico, em que se joga, muitas vezes, fora de toda a realidade, o jogo da arte pela arte, cedendo-se ao decorativo e ao ornamento, às imagens com contornos ultra-maneiristas e publicitários), irrompe numa certa colagem à linguagem cinematográfica. A prática do vídeo foi com efeito acelerada e renovada com o aparecimento das câmaras mini-DV e com os programas de montagem domésticos. Se o cinema está aí presente hoje, é menos em termos de suporte que em termos de método (etapas preparatórias do filme, a sua escrita, os seus momentos de *répérage*, o trabalho em equipa, a rodagem, a montagem, a pós-produção...),

permitindo domesticar certas aproximações espontâneas que o vídeo autoriza, e de memória. Surge à maneira de um modelo.

Com efeito, nada impede que se use o vídeo de um modo clássico, ie, cinematográfico, recorrendo à noção de plano e de montagem de planos: um filme fabrica-se com o material audiovisual, as câmaras, todo o conjunto mecânico, óptico, luminoso, sonoro e agora numérico, e com a matéria do cinema, que é justamente muito pouco material. O material audiovisual é então, o material físico e sensorial, que consegue dar corpo a uma língua espaço-temporal, que de outro modo seria meramente espiritual ou abstracta.

O perigo surge, no entanto, quando desta utilização do vídeo decorre ora uma colagem ingénua à linguagem do cinema (funcionando como uma espécie de cinema económico) ora um empolgamento inconsistente das potencialidades tecnológicas oferecidas pelas câmaras vídeo e os processos de pós-produção digital, o cinema sendo pensado como um *clip* em extensão em que os efeitos especiais recortam os efeitos de montagem. Há menos uma língua que se elabora, do que um efeito cinema.

No uso clássico do vídeo, se nada impede de fazer planos com imagens registadas sobre suporte numérico e captadas por uma câmara electrónica como se faz com uma câmara de 16 ou 35 mm, e se na montagem numa estação de edição numérica, nada interdita de montar em sucessão cada um dos planos assim capturados para criar essa continuidade à base de linearidade e homogeneidade que caracteriza a tradição dominante dos géneros cinematográficos, a ficção e o documentário (de facto, se o modelo de linguagem parece ser o mesmo do cinema, é justamente porque ele é perfeitamente adequado a estes géneros e o cinema releva na sua forma dominante destes modos), muitas vezes o que uma tal utilização do vídeo manifesta não é mais do que uma constatação de um estado de cristalização do cinema: ao academismo da ficção – cada vez mais efeitos, cada vez menos real – vêm juntar-se as convenções do documentário televisivo de contornos sociológicos, formatado pelas normas televisivas. As aproximações aos géneros são aproximações congeladas – o argumento de um lado, através da instauração de uma narração (de uma ficção narrativa com personagens, acções, organização do tempo, desenvolvimento dos acontecimentos, crença do espectador, etc.), o documentário do outro (o real - bruto ou não – em todas as suas estratégias de representação).

¹ Se no início do vídeo a tónica ainda se colocava na constituição de um novo género, inseparável das particularidades de um novo suporte, hoje ele aparece sobretudo como preconizador da tendência geral de abertura e deslocalização das fronteiras das artes, que arrasta consigo o próprio cinema. Hoje estamos para além das querelas de suportes que caracterizaram o modernismo, vídeo e cinema dissolvendo-se no interior do campo mais aberto da imagem-movimento e das ferramentas e programas introduzidos pelo numérico. Com efeito, com os novos media e o digital, esse grande tradutor universal, a especificidade deu lugar à indiferenciação e à hibridação. O vídeo antecipou esta tendência: a questão do suporte deixou de ser relevante para designar e encarar as actuais práticas da imagem que deixaram de poder ser pensadas exclusivamente por referência às especificidades formais de um dado médium.

² V. Krauss, Rosalind, *A Voyage on the North Sea. Art in the Age of The Post-Medium Condition*, Thames & Hudson, New York, 2000.



Onde se passa, hoje, nas relações entre vídeo numérico e cinema, um outro “cinema possível”?

Se é possível fazer um uso indiferenciado do cinema e do vídeo, na realização de um filme, tal não significa que não haja um contexto e uma conjuntura diferentes entre as duas áreas, com consequências expressivas no sentido da invenção de novas formas de escrita das imagens, no sentido da possibilidade de traçar um novo território de matérias de expressão. A imagem numérica conheceu no decurso destes últimos anos um desenvolvimento e uma difusão extremamente rápidas; a câmara numérica permite captar a realidade de uma maneira nova. Em relação à película, o numérico permite uma inscrição hipersensível da luz, com consequências sobre a profundidade de campo; a luz traficada pelos meios electrónicos tem efeitos sobre a consistência da imagem que é tomada por uma maior platitude.

Por outro lado, o vídeo contem em si a possibilidade de estender a analogia cinematográfica do movimento ao tempo. A imagem está desde logo lá, em continuidade, toda constituída dobrando o real, ao mesmo tempo que temos mais do que nunca de a construir a partir do que vemos no ecrã do LCD. O vídeo passa em contínuo uma imagem que na realidade não existe, no sentido em que tem de ser produzida a partir daquela que o monitor nos mostra.

Muitas das vezes o vídeo é utilizado com intuito de permitir uma outra relação com o tempo e nesse sentido escapar aos constrangimentos da máquina de cinema no sentido tradicional.

Ao dobrar o tempo, o vídeo permite ver e falar ao mesmo tempo, permite que o filme se descubra escrevendo. Falando/filmando. Ver antes de falar, ver ao mesmo tempo que se fala, como observa Jean-Luc Godard. O plano surge como um pequeno filme em si, numa coreografia dos corpos e da câmara, facilitado pela simplicidade das regulações técnicas, em que a câmara é muitas vezes uma câmara à mão. Passa-se de um plano ao outro sem premeditação. A forma encontra-se, em lugar de se impor. A duração dilatada dos planos numéricos substitui-se, em certa medida, à fragmentação articulada dos planos cinematográficos. É na própria filmagem que se desvenda o trabalho de construção do sentido, as operações de filmagem e de montagem tornando-se mais próximas.

Por outro lado, a imagem filmada não é necessariamente a imagem do filme. Diferentemente da película de 35 mm, no DV pode-se deitar fora o resultado se ele não agradar, sem que tal tenha consequências. Porque se tem tempo, porque se trabalha numa longa duração, numa forma dilatada, pode então chegar-se ao essencial, à concisão e à precisão da matéria.

Tudo isto, aliado à enorme autonomia do numérico (as possibilidades acrescidas de conceber filmes graças às técnicas numéricas – um computador com um programa de montagem é a partir de agora acessível a qualquer um – alteraram profundamente os standards de produção, modificando em retorno os modos de escrita) permite oferecer um outro modo de fazer filmes, cuja ambição se realiza na sua escrita formal, um outro cinema possível, um cinema da intimidade, da solidão, um cinema elaborado no face a face consigo, o do pintor e do escritor, como diz Chris Marker. Este modo contribui para a relativização do modelo narrativo e para o desenvolvimento de modelos de linguagem e formas de escrita, em que a parte de ensaio e de investigação se revela preponderante, ao ponto de acabar por gerar uma linguagem particular, mas não exclusiva, que releva de lógicas diferentes e de ligações de uma outra ordem que as do cinema, entendido em sentido lato, seja do cinema que incorpora sem cessar as imagens-cliché da publicidade e das novas tecnologias, o cinema dito comercial, seja dos filmes que se fecham com fervor obstinado sobre o próprio cinema, como se ele ainda estivesse sozinho. Isto perturba e redefine o lugar do cinema e do realizador, fazendo emergir uma nova escrita, difícil de delimitar e que tende para uma nova impureza, uma nova indefinição.

De facto, a possibilidade de fazer filmes intimamente dá talvez lugar, de modo inesperado, a repensar a relação divergente entre o construído, a ficção, e o *partipris* documentário, ao qual nenhuma obra de arte se acomoda totalmente.



Realizadores como Alain Cavalier, Agnès Varda, Naomi Kawase, Abbas Kiarostami, Pedro Costa, permitem diagnosticar um território novo do cinema, em que a criação cinematográfica se cruza com a utilização do vídeo numérico, exacerbando e deslocando as potências do cinema. É um território lacunar, entre o documentário e o cinema de autor, o vídeo de artista e o filme experimental. Se se situa à margem do cinema comercial, pode estar eventualmente aberto a algumas incursões pela indústria, se é sensível às investigações formais, não integra o meio do cinema experimental, se usa o vídeo numérico, não põe de parte os formatos e suportes mais tradicionais (8, 16, 35 mm). Por sua vez, no plano temático e estilístico move-se nas fronteiras entre ficção e documentário, ou entre ensaio filmado e autobiografia ou ainda na mistura de todos estes géneros. Se recusa, de algum modo, a narrativa aristotélica, colocando em cheque a noção de construção narrativa, não recusa a ficção: esta renasce sob uma outra forma, numa aparência de documentário, em que por vezes o cineasta dá a ver o seu próprio acto, em relação ao que filma e ao espectador.

Este novo território afirma-se de formas diversas, na maneira como cada cineasta, pelo seu gesto de filmar, nalguns casos pela sua voz, e pelo seu corpo, restitui uma perplexidade do olhar. No fundo, sejam filmes feitos de planos fixos, enquadramentos precisos, a câmara muitas vezes no tripé, sejam filmes em que há uma utilização de certas opções técnicas da câmara numérica, têm em comum o facto de satisfazerem e retomarem, de algum modo, a promessa contida na forma moderna do cinema. Num certo sentido, o vídeo numérico, mais facilmente do que a película, relança o olhar de encontro à modernidade da forma - cinema e à atmosfera feita desse relaxamento sensório-motor que marca o moderno cinematográfico.

MATERIAIS DE DESTRUIÇÃO

PARTE I

Por vezes, quando atravessamos a paisagem por todo o lado possuída, ocorre-nos pensar que talvez agora fosse mais necessária uma arquitectura privilegiadamente destruidora, que se ocupasse em especial com a destruição do construído e, em consequência, com o esvaziamento do espaço, que invertesse portanto o delírio da construção e nos devolvesse, não uma natureza ordenada e pacificada pressuposta, mas antes uma extensão vazia desordenada.

Também o cinema nos parece precisar de uma brutalidade semelhante, pois encontra-se igualmente ocupado, aterrorizado, por codificações estilísticas que são tão rígidas e sufocantes como os prédios nas colinas destes imensos subúrbios. Estas codificações mascaram-se de espontaneidade, submergindo-nos em sucessivos clichés, afogando-nos na sua inconsequência de gigantesca psicanálise de um mundo doente. Mas uma tal brutalidade não tem de ser bruta, e no cinema há gestos de resistência de todo o género, em particular dos mais delicados. Se a luta contra os clichés nos parece um primeiro e insuperável gesto de resistência de que se pode ocupar o cinema, as vias para o tentar são inúmeras e não têm privilégio umas sobre as outras. Aparentemente, todas devem fazer apelo aos materiais mais indicados para operar a destruição do construído, se bem que existam casos em que essa escolha foi diluída sem prejuízo do fulgor do filme. A verdade é que há coisas tão fortes no cinema que temos a impressão que até em slide funcionariam, por até aí a sensação persistir, mesmo quando a sua matéria de expressão é mais pobre.

A eficácia da luta contra os clichés passa certamente pela complexificação dos dados. Ou seja, em primeiro lugar, por abrir, deteriorar ou expulsar os códigos (da representação, da naturalidade, do movimento, etc.). Tarefas complicadas, não só porque os códigos também estão em movimento e em mutação, da mesma maneira que um vírus ou uma doença, mas também por ser, por vezes, bastante difícil discernir entre os códigos e os encontros felizes, na medida em que ambos

claramente funcionam. Os códigos funcionam com toda a certeza, e põe tudo a funcionar à sua volta, as emoções, a economia, etc. Já os encontros felizes são muito mais raros, ao ponto de parecer que a raridade é a sua essência; e, no entanto, funcionam também, e – muito importante – são objectivos, estão lá, inscritos nos filmes, como sensações não subjectivas, embora a sua ocasião dependa grandemente da disponibilidade de quem os acolhe.

Para a sensação não existem disponibilidades garantidas nem fixas. As pessoas não estão abertas a tudo a todo o momento, e aquilo a que se dispõem depende de frágeis equilíbrios. A extensão afectiva que cobrem, a capacidade de se deixarem afectar, de se deixarem tocar por um filme, entre outras coisas, depende solidariamente do resto da vida que levam. Assim, por exemplo, que alguém goste de ouvir música improvisada será provavelmente um mistério para a quase totalidade das pessoas, mas isso não permite a ninguém julgar que na música improvisada não haja uma sensação objectivamente experimentável, de características particulares mesmo. Isto é assim apenas porque viemos ao mundo com um lençol demasiado curto para lidar com todas as coisas que nos podem afectar. Se cobrimos a cabeça, acabamos por destapar os pés ou os braços, e assim por diante. Somos seres extremamente limitados, deste ponto de vista. Há quem se aninhe e quem se exponha, entre outras posições, e assim também o fascínio das pessoas depende desse modo único de se cobrirem ou se deixarem a descoberto, promovendo este ou aquele afecto, numa configuração singular de imensa complexidade. (Por isto é que o discurso sobre os públicos não só é uma generalização absolutamente abusiva, do género tratamento estatístico, como é concebido enquanto violência orquestrada às capacidades afectivas, à potência da vida de cada um, pressupondo os limites de cada uma delas numa experiência estagnada do cinema. E a esta pressuposição só se pode chamar de fascista.)

Creemos que uma das vias a seguir na composição cinematográfica passa por, para lá da destruição dos códigos, na face solar do trabalho cinematográfico, criar ambiguidade através do lançamento de dados não codificados, que requeiram novas leituras e que precipitem o pensamento. Ora, precipitar o pensamento tende a incomodar e dificilmente nos faz esquecer os problemas da vida quotidiana. Não admira portanto que poucos se achem disponíveis, e não há de todo que fazer juízos sobre a indisponibilidade alheia. Mas, inversamente, não há que ter qualquer pudor acerca da disponibilidade própria. Todos os dados cinematográficos (corpos, vozes, luzes, movimentos, durações, etc.) podem ser tomados como componentes ou variáveis a modular na criação dessa ambiguidade, que é sujeita também ela a um equilíbrio extremamente frágil. Um dos riscos tremendos da ambiguidade é a aparição da crueldade, suspeita por vezes no exercício de uma certa crueza necessária. Mas, como se pressente na pobreza das discussões morais que empestam a recepção dos documentários e outros, confunde-se inúmeras vezes nos filmes a abertura de uma extensão vazia de ambiguidade que suspende o juízo com a inscrição da defesa de uma determinada posição considerada perigosa. Há, também no cinema, o horror ao vazio (moral).

Um eixo particularmente fértil da ambiguidade é a oscilação entre os dados que são tomados como artificiais e naturais. Todo o dado cinematográfico é potência de artifício, e do seu exercício pode resultar a exposição do falso. E, pelo menos no cinema, o falso tem a sua verdade. Não uma verdade que se grita à cara de alguém, mas uma que desliza e acompanha a percepção do filme, mantendo, precisamente, a ambiguidade. É evidente que nenhum filme (ou quase nenhum, há sempre o exemplo do Terra em transe de Glauber Rocha) sobrevive numa saturação quase total de falso, e por isso tudo se joga na composição dos dados que mantém a consistência. Trata-se de uma herança fértil do cinema moderno que é importante reconsiderar.

É para isso que servem as genealogias cinematográficas, para a possibilidade de um trabalho baseado – não só mas também – num encontro com uma específica tradição, mesmo que não tradicional, que nos é simultaneamente próxima e distante.

Partindo da ideia de que os realizadores, nos melhores casos, compõem sistemas cinematográficos de grande complexidade, sustentados em relações solidárias entre as escolhas feitas no que se refere às inúmeras variáveis da composição cinematográfica, verificamos que esses sistemas são incrivelmente heterogéneos e mesmo mutuamente incompatíveis, pese embora a proximidade afirmada ou sugerida entre realizadores ou ainda a sobreposição observada de algum aspecto técnico ou ético. Se se mostram inapropriáveis na sua totalidade, enquanto meras repetições, estes sistemas são-no igualmente quando deles se procuram retirar parcelas. A apropriação directa de um determinado elemento estilístico de outro realizador pode impedir a construção solidária dos vários elementos que poderão vir a constituir um estilo cinematográfico original. A complexidade criativa de uma obra define-se pela maneira como sempre requer do pensamento a criação de novos conceitos que a procuram apreender e, em especial, de como faz crer sempre de novo na possibilidade de fazer cinema. Mas não temos de rejeitar influências ou de ter receio que as reconheçam de alguma forma no nosso trabalho, porque elas apenas são perigosas quando nos separamos desse processo singular de agregação de elementos estilísticos, que se espera próprio de cada um, ou se dele nos afastarmos por não termos força. (Se bem que, a dada altura, a preocupação inversa deva tornar-se preponderante, e os que conseguiram criar um estilo sejam tomados pela urgência em dele escapar, porque essa suspeita aquisição, como uma enfermidade, os aprisiona.) Um modo privilegiado de constituição de um estilo é precisamente o conjunto de definições propriamente técnicas, que não meramente formais, que se traçam sobre os materiais à escolha.

TODO O UNIVERSO... OU NADA?

Desafiaram-me a escrever algumas palavras que pudessem contri-buir para a discussão ou, pelo menos, para uma breve reflexão sobre um assunto que estará sempre na agenda de um cineasta a partir do momento que perspectiva as opções concretas de uma produção cinematográfica e audiovisual, ou seja...não só como fazer mas, so-bretudo, que suporte utilizar?

E a opção entre filmar ou gravar nem se pode confundir ou enqua-drar no núcleo duro das suas preocupações. Naturalmente, por uma razão relativamente óbvia, a de não ser sempre essa uma verdadeira opção mas apenas a consequência de um conjunto de outras e muito diversas opções distribuídas num mosaico de alternativas, onde sa-ber quais os valores de produção em causa e os meios privilegiados de distribuição e difusão, nunca poderão ser aspectos secundários.

Na verdade, qualquer projecto de curta, média ou longa-metragem, passa por um conjunto de opções e, num determinado momento, por pouco mais do que isso...opções, opções, opções.

Desde sempre, há aspectos que não podem ser encarados de lon-ge ou ignorados. Na escolha entre filmar ou gravar, que não se faz sem um preço específico, podemos encontrar a definição de um sis-tema, assim como, as perspectivas do seu futuro desenvolvimento. Por exemplo, a opção de George Lucas pela Sony HDW-F900 HDCAM du-rante a rodagem dos dois mais recentes episódios da saga STAR WARS, respectivamente, *ATTACK OF THE CLONES* e *REVENGE OF THE SITH*, não resulta de uma mera opção económica. Naturalmente, estamos aqui numa vertente da produção que procura correspondências e compa-tibilidades com outros domínios digitais, nomeadamente, no campo da multiplicidade quase infinita dos efeitos especiais a incluir na pós-produção. Não obstante, se a este nível podem ser cometidos erros, uma coisa parece certa. Nada acontece por acaso no contexto da grande indústria e a opção de que falamos passa, fundamental-mente, por outras escalas de natureza económica, sobretudo, as que dizem respeito aos meios presentes e futuros de distribuição e difusão do chamado cinema digital.

No fundo, cineastas como George Lucas, o Director de Fotografia David Tattersall e o Produtor Rick McCallum, entre muitos outros, estão a desbravar um admirável velho mundo novo, consolidando no caminho percorrido a abertura de novas fronteiras que só agora estão prestes a ser conquistadas de um modo global.

E, ser pioneiro, não significa apenas partir na frente para esta mo-terna “conquista do Oeste”, ou melhor, para esta nova *Gold Rush*. No essencial, com as suas opções estão a gerar as condições ideais para escolher e ocupar a melhor posição nas regiões mais férteis de um grande e previsível negócio planetário.

Pouco a pouco, seja qual for o impacto e solidez desta conquista, serão desenvolvidas novas formas de escrita cinematográfica e, pro-vavelmente, mais cedo do que possamos imaginar assistiremos a uma institucionalização daquilo que hoje apelidamos de vanguarda.

Mudanças que não resultam apenas das alterações verificadas no interior profundo da produção, distribuição e exibição mas, igual-mente, das que irão suceder no posicionamento dos profissionais e do grande público face aos diferentes valores da oferta e da procura.

Num certo sentido da palavra, há razões para acreditar que pas-sará a ser mais curta a distância que hoje ainda separa o criador do consumidor.

Inevitavelmente, a uma verdadeira revolução digital irá correspon-der uma nova gramática, uma nova linguagem e o reforço de novas plataformas de visionamento.

Mesmo assim, não será desproporcionado avançar uma pergunta, assumindo o entusiasmo de Raymond Massey quando apontava o olhar radioso para o firmamento no *THINGS TO COME*, o filme visioná-rio de William Cameron Menzies: *“All the universe...or nothing. Which shall it be?”*

Na verdade, como será o futuro?

Entretanto, nos sistemas de produção em que não existe uma verda-deira indústria cinematográfica, muitas questões orçamentais, rela-tivamente menores para os parâmetros da “indústria pesada”, podem condicionar decisões importantes no domínio subjectivo da lingua-gem, mais até do que os condicionalismos e a diversidade objectiva dos subsídios oficiais e privados.

Daqui a uns anos, quem fizer a História do Cinema, relativa ao final do Século XX e início do XXI, se não ficar só pela análise da produção inserida no chamado *mainstream* e se quiser separar as águas entre o cinema que possui um suporte clássico e o cinema digital, vai segu-ramente encontrar o referido e admirável mundo novo, mas na sobre-posição de muitas zonas cinzentas. Fundamentalmente, pelo facto de numerosos universos de produção poderem coexistir durante alguns anos, nem sempre em perfeita harmonia.

JOÃO CARÇÃO RORGES

2: UMA CURTA

Neste contexto, para onde vão as curtas...?

Habitualmente, a curta-metragem aparece como o formato pri- vilegiado da produção onde grandes experiências são sempre bem acolhidas. Um laboratório para novas aventuras da linguagem audiovisual. Entre nós, essa espécie de ideal prevalece como um dos lados mais nobres da produção, a par do conceito de risco sub- jacente ao catálogo de ousadias que uma equipa, habitualmente, jovem está disposta a assumir.

Estamos, mais uma vez, no capítulo das opções, sempre as opções.

De facto, no campo da curta-metragem, a revolução digital repre- senta, mesmo num país como os Estados Unidos, um factor decisi- vo na multiplicação das produções independentes e na democrati- zação do acesso público aos diferentes projectos cinematográficos e audiovisuais.

Senão vejamos, compre-se uma *camcorder*, por qualquer coisa na ordem dos \$ 800 ou € 600, um número razoável de suportes digitais, um computador e o software de edição videográfica mais adequado para as possibilidades e ambições individuais. Pode ser vantajoso estar associado a uma escola ou a uma universidade. Pouco depois, com maior ou menor aptidão, estaremos em condições de inscre- ver uma primeira ou nova obra na nossa filmografia digital. Mais fácil, mesmo que não seja instantâneo nem gratuito, não há...!

Só que, mais uma vez, quem fizer a História do Cinema daqui a uns anos vai deparar-se com outra dificuldade de peso...onde começa a liberdade de um investimento criativo e acaba a verdade de um com- portamento profissional...? De algum modo, há muitos anos que essa análise vem sendo aplicada a obras produzidas nos suportes “anti- gos”, como o Super 8 e até certo ponto o 16mm, que nos dias do “cine- ma químico” foram os responsáveis por uma certa democratização da “produção” de cinema. Mas com uma diferença imensa. Por exemplo, o mais acessível Super 8 nunca foi suporte e formato capaz de alcan- çar o pequeno ou grande ecrã, nem a sua melhor produção foi apoiada e orientada com a devida sistemática pelos circuitos de distribuição e exibição. Nem pelos mais alternativos, como sucede hoje com a pro- dução e os formatos digitais.

Diga-se, com alguma ironia, a recuperação desses formatos e das suas especificidades está agora a ser feita, não apenas por exercícios de vanguarda como, muitas vezes, por obras situadas no seio da indústria mais “conservadora” e plutocrática do digital. Recordemos a esse respeito, não só um bom número de videoclips como outras

produções nos mais diversos géneros, que recorrem ao chamado *found footage* procurando uma identificação comum num sistema de imagens e sons que, aqui e além, sustenta alguns dos vértices mais fortes dos padrões artísticos contemporâneos.

Esta situação, constitui parcela importante para analisar as dife- renças verificadas entre a antiga e a moderna economia do cinema, assim como, o contexto material que distancia e aproxima os novos e antigos suportes “democráticos”, com reflexos óbvios na criativida- de e na polarização mediática das suas virtudes e defeitos, quaisquer que eles sejam.

E porque resisto a falar só de curtas e das suas particularidades, por- que recuso a visão algo paternalista de considerar a curta-metragem um formato que se presta fundamentalmente a esse ritual de passa- gem entre a aprendizagem e a consagração da arte cinematográfica e porque, quer queiramos ou não, a revolução digital não se pode resumir a um formato e a uma linguagem mas sim ao cruzamento de uma pluralidade de formatos e linguagens, direi para concluir que uma curta não é mais do que uma curta, uma curta, uma curta...Precisamos aqui e agora, como disse e finalmente defendo, assumir as opções, opções, opções...!

SÓ UM EXERCÍCIO...

A questão dos formatos podia dar lugar a dissertações infundáveis, filosoficamente justificáveis e igualmente discutíveis. Por isso prefiro deixar aqui o rascunho de um exercício muito concreto e que gostaria de ver discutido.

Em Portugal apoia-se a produção nacional de 11 longas metragens/ano, com 650.000 euros cada uma. A maioria filmada sem película, e umas poucas em vídeo, mas todas elas com os mesmos resultados desastrosos. E se em vez de 11 se passasse a 8 poupando-se 1.950.000 euros? Alguém repararia na diminuição das longas? Não! Isto afectaria o nosso prestígio Internacional? Não!

Por outro lado para a produção anual de curtas metragens de ficção só existe uma verba de 630.000 euros (inferior ao apoio a 1 só longa!!). Sendo cada uma apoiada com 45.000 euros isto quer dizer que só 14 realizadores poderão filmar curtas em Portugal (e nem vamos falar no esquema perverso que aqui alguns já conseguiram montar). Porque é que um jovem realizador que queira filmar a sua primeira obra em vídeo, apresentar a cópia final em vídeo e gastar só 10 mil euros não tem a mínima hipótese de ser apoiado?

Vamos então ao exercício. Os 1.950.000 euros que se poupariam nas longas seriam canalizados para as curtas. À legislação actual retirava-se o valor do montante máximo por projecto, os Currículos dos realizadores e produtores e a preferência implícita por obras finalizadas em película. Passava-se a privilegiar as ideias e o rigor das montagens financeiras sem definir valores máximos, não podendo o ICAM apoiar mais de 75% do orçamento e não obrigando a que o formato final dos filmes fosse em película. Podíamos facilmente passar dos actuais 25 para mais de 100 filmes por ano (curtas e longas, em película e em vídeo) todos com apoio do ICAM, pondo muito mais gente a filmar e assegurando muito mais regularidade e sustentabilidade às pequenas produtoras e técnicos. Tenho a certeza que aqui, como em todos os outros países com grande produção de curtas, da quantidade surgiria muito naturalmente a diversidade e a qualidade que muitos realizadores portugueses têm mas que o sistema montado não permite mostrar, e seria criada uma dinâmica de produção completamente inexistente no sistema actual.

A questão do vídeo é fundamental hoje em dia para se poder filmar mais. Mas é muito diferente produzir em vídeo com algum dinheiro do que com “orçamento zero” como acontece hoje em Portugal. Cabe ao Estado criar condições para apoiar e mesmo recompensar aqueles que optem por este caminho. E cabe aos exibidores mostrar as obras no melhor enquadramento possível.

Uma cinematografia contrói-se com filmes, muitos filmes, e não com ideias moribundas sobre correntes autorais ou formatos, em que a maioria já não acredita ou nem sequer quer ouvir falar.

PEDRO TELES RAULOS
DIRECTOR DO IMAGO

DESAFIOS

Escrevo este texto para responder ao desafio que a Mostra de Curtas da Videoteca Municipal de Lisboa me fez. A ideia é escrever qualquer coisa que exprima o meu ponto de vista sobre a relação do vídeo com o cinema, mais concretamente com as curtas metragens. Não sei se sou capaz. No entanto, deixo algumas ideias ou proto-ideias sobre a questão.

Antes de mais congratulo-me pelo regresso da Mostra de Curtas da Videoteca à agenda cultural, que nunca percebi muito bem quais as razões para a sua interrupção. Espero que tenha sucesso e que tenha curtas para se ver, em vídeo ou em película. Tanto se me dá, desde que sejam bons filmes.

Sobre o tema, o melhor é começar pela experiência do Festival de Vila do Conde e saber quais os motivos que levaram à abertura das secções competitivas (Competição Nacional e Internacional) ao vídeo em 2003, na sua 11ª edição e o porquê de o ter feito nessa altura.

Se no início do festival (nas primeiras edições em 1993,94 e 95) havia uma certa separação de águas, i.é, entre cinema formato 16 ou 35mm e o vídeo, tal acontecia não por uma reflexão sustentada sobre a matéria mas sim porque era uma tendência bem acentuada por quase todos os festivais de cinema que decorriam um pouco por toda a parte (com excepções: Oberhausen, o mais antigo Festival de Curtas que se realiza no mundo). Na altura Vila do Conde apresentava programas paralelos de vídeo à sua mostra competitiva de curtas metragens. Rybczynski, Bill Viola, Robert Cahen, Irit Batsry, entre outros eram apresentados em programação paralela ao festival. Hoje provavelmente teriam os seus filmes em competição internacional, na secção experimental.

Esta distinção deixou de fazer sentido a partir do momento em que se constatou que a questão do vídeo se colocava apenas na limitação deste formato à exigência de transferência para 35mm. Essa limitação pode ser encarada do ponto de vista do autor de um determinado filme como económica ou estética, sendo esta última no sentido de esse processo de transferência impedir uma determinada finalidade estética ou artística.

Muitas das curtas metragens passadas em competição no Festival de Vila do Conde eram rodadas em vídeo, analógico ou digital e posteriormente transferidas para 35mm por forma a não limitar a capacidade de circulação do objecto / filme nos festivais e nas salas. O festival só não aceitava o formato vídeo nas secções competi-

vas porque não tinha condições para fazer face ao mais que previsível acréscimo de inscrições que tal medida iria acarretar, tanto mais que já detinha boas condições de projecção para o vídeo e não existia qualquer tipo de problema de distinção dos suportes.

Até ao 10.º Festival, quando ainda não aceitávamos o suporte vídeo, recebíamos para selecção uma média de 1000 a 1200 filmes por cada edição. Na 11ª edição abrimos ao vídeo e recebemos 1600 filmes. No ano passado, 12º Festival, recebemos 1950 filmes. Este ano, só para a competição Internacional, cujo processo de selecção está a decorrer na altura em que escrevo este texto, recebemos cerca de 2300 filmes. Fazer face ao esforço deste acréscimo de inscrições só foi possível nos últimos dois anos.

Desde o 10º Curtas Vila do Conde que iniciámos uma nova era no festival.

Assumimos dar mais importância à prospecção de filmes, quebrando barreiras na tradicional definição de curtas metragens, designadamente aumentando a duração para 60 minutos e ignorando a distinção formal entre o suporte película e o vídeo. Abrimos uma nova categoria na competição internacional, o experimental.

Optamos claramente por também pender o nosso interesse nas curtas metragens para outros territórios povoados por filmes mais experimentais na sua concepção técnica; procuramos filmes que apesar de serem menos perfeitos na sua textura de imagem assumem na sua estrutura narrativa e imagética códigos novos; filmes que se situam nas fronteiras do cinema roçando territórios associados a outras artes visuais; filmes que usam o cinema como matéria-prima.

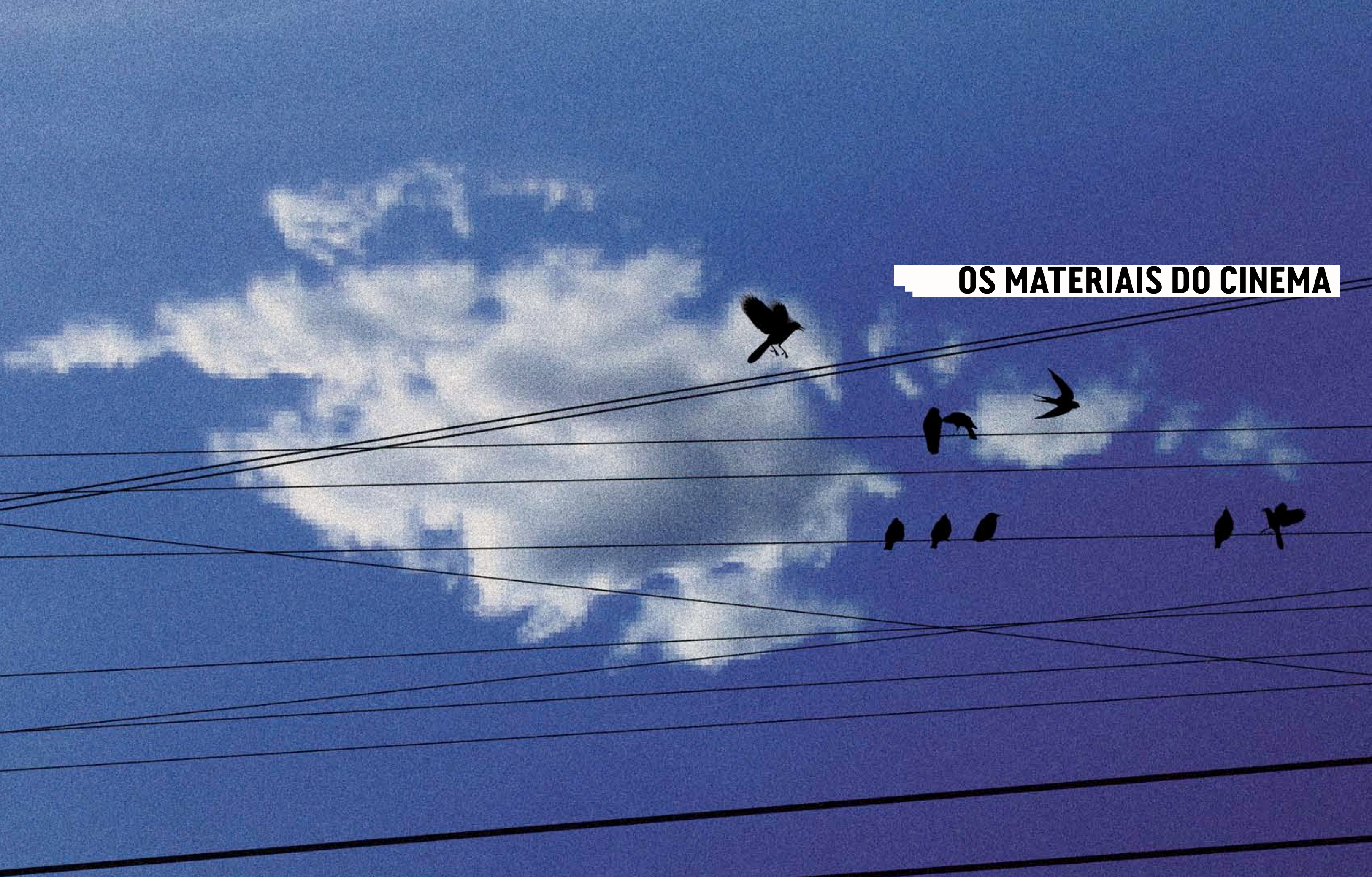
Em suma, a abertura ao vídeo pelo festival consubstanciou-se numa necessidade de introduzir na programação outros filmes, outros objectos e colocá-los em diálogo.

O vídeo, o digital, não vistos exclusivamente como suporte, trouxeram ao cinema possibilidades e há que as aproveitar. Sobre esta questão, poder-se-ia, não eu, reflectir aprofundadamente

Apesar de tudo, o que me importa como programador é que o fascínio do cinema continue a ter como base a possibilidade de expressar uma necessidade de comunicação através de IMAGENS EM MOVIMENTO. Foi isto que fascinou quando os irmãos Lumiere mostraram os seus primeiros registos, é isto que ainda fascina, independentemente da questão do suporte.

LUIS URBANO
DIRECÇÃO CURTAS VILA DO CONDE
FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA

OS MATERIAIS DO CINEMA



FRAGMENTO 1

Fragmento 1
2004, 1'10", Animação, Betacam

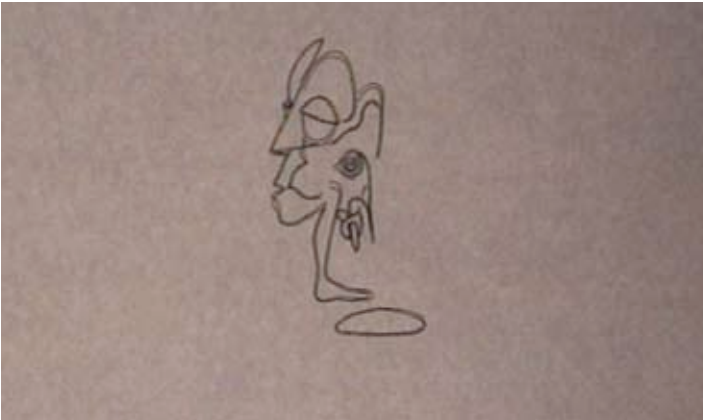
SINOPSE:
“Fragmento 1”, um fragmento de animação.

BIOFILMOGRAFIA:
Aniz (Nelson Fernandes) foi orientador do workshop *Frame a Frame* no Fundão e em Cascais e realizou com Rodolfo Pimenta o documentário sobre esta acção. Foi assistente de produção no IMAGO onde também co-laborou com a selecção e programação. Realizou diversas curtas-metragens entre as quais estão *Movex, Rio, Curtas Dançadas, Centro Interior, O caracol...* Desenvolveu diversos workshops por todo o país, todos eles relacionados com a animação. Entre estes destaca-se *As imagens da Lua*, com Abi Feijó.

IMAGO 2004 (Fundão)
Mostra de pequenos filmes + OLHARES (Chapitô)

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: Aniz
MÚSICA: Karlheinz Stockhausen
Animação de desenhos.
PRODUÇÃO: Unforgiven Filmes

CONTACTO:
Cooperativa Cinema Jovem
Apartado 324
Avenida Eugénio de Andrade
Bloco D, 3º dto. trás,
6230-909 Fundão, Portugal
Tel/Fax: 275 771 607
MAIL:
info@imagogilmfest.com



ABRAÇO DO VENTO

Abraço do vento
2004, 2' 34", Animação, Betacam

SINOPSE:
Num mundo onde o ferro e a terra se fundem criando cidades inesperadas, o vento sopra a vida por entre as folhas abraçando todo o devir, no ciclo eterno do renascer...

BIOFILMOGRAFIA:
José Miguel Ribeiro nasceu em 1966 na Amadora. Licenciou-se em Artes Plásticas – Pintura na ESBAL e estudou desenho e animação de bonecos em Lazzenec-Bretagne / Rennes e no Filmógrafo (Porto, 1993/4). Durante vários anos ensinou a animar bonecos na fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa. Na sua filmografia estão projectos como diversos episódios do *Jardim da Celeste, Timor Loro Sae, A suspeita, As coisas lá de casa*, e spots para diversos eventos. Neste momento está a preparar o seu próximo projecto, *Passeio de Domingo*.

Marché du Film – Short Film Corner, Cannes 2004
Festival de Curtas Metragens do Hospital Júlio de Matos 2004
Cortal Festival Internacional de Curtas Metragens do Porto 2004
Festival Internacional de Curtas Metragens de Vila do Conde 2004
Anima Mundi – Festival Internacional de Animação do Brasil 2004

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: José Miguel Ribeiro
ARGUMENTO: José Miguel Ribeiro
ANIMAÇÃO: José Miguel Ribeiro
SOM: Carlos Ferreira
MÚSICA: *Canto do Trabalho* de Carlos Paredes
Animação de volumes, pinturas e desenhos.
PRODUÇÃO: Luís da Matta Almeida
Zeppelin Filmes

CONTACTO:
Agência da Curta Metragem
Apartado 214
4481-911 Vila do Conde
Tel: 252 646 683
Fax: 252 638 027
252 248 416
MAIL:
agencia@curtasmetragens.pt



A ESTRELA

A Estrela
2005, 16', 35mm

ESTREIA

SINOPSE:
Pedro Rouba uma estrela do céu e é recriminado por toda a aldeia.

BIOFILMOGRAFIA:
António Duarte nasceu a 24 de Setembro de 1972 e da sua filmografia fazem parte os filmes: *Ubber Liebe* (2000), *O número que marcou não se encontra atribuído* (2001), *Tomás e a Alma* (2002).

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: António Duarte
ARGUMENTO: António Duarte
Baseado no conto A Estrela de Virgílio Ferreira
FOTOGRAFIA: Henrique Serra
MONTAGEM: Maria Joana Figueiredo
SOM: António Pedro Figueiredo
MÚSICA: José Mário Branco
ACTORES: Francisco Hestnes Ferreira
Manuel Romão Nogueira
Joana Craveiro
PRODUÇÃO: AS - Produções
Cinematográficas

CONTACTO:
AS - Produções Cinematográficas
Rua Jacinto Nunes, 18 - 2º dto
1170-189 Lisboa
Tel: 218 132 090
Fax: 218 124 404

MAIL:
asproducoes@clix.pt



A OLHAR PARA CIMA

A Olhar para cima
2003, 15', 35mm

SINOPSE:
Pedro observa escondido na igreja as raparigas a vestirem fatos de anjo para a procissão. Escondeu-se para que não lhe vistam aquela fatiota ridícula. Pedro deseja que a procissão não aconteça. Deseja que chova, que caia um temporal sobre a ilha. Pedro começa a acreditar que a procissão não vai acontecer.

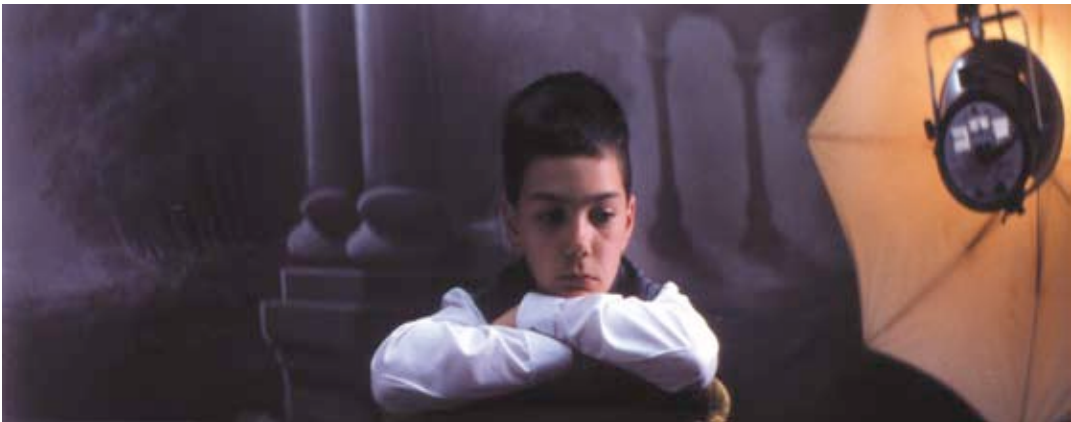
BIOFILMOGRAFIA:
João Figueiras nasceu em 1969 e tirou o curso de cinema na ESTC na área de montagem. Antes deste *A olhar para cima*, realizou *Contra-ritmo*, filme de 2000.

Festival Internacional de Curtas Metragens de Vila do conde 2004:
Prémio de Melhor Curta Metragem Portuguesa
Prémio Jameson de Melhor Curta Metragem
Prémio de Melhor Fotografia
Prémio do Instituto Camões para o Melhor Actor de Língua Portuguesa
Melhor curta metragem no 1º Festival de Cinema da Covilhã
Seleccionado para o Clermont-Ferrand 2004

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: João Figueiras
ARGUMENTO: João Figueiras
FOTOGRAFIA: Paulo Ares
MONTAGEM: Sandro Aguilar
SOM: Luis Botelho
ACTORES: Tiago Ávila
Anabela Morais
Vítor Rui Soares
PRODUÇÃO: O Som e a Fúria

CONTACTO:
O Som e a Fúria
R. da Sociedade Farmacêutica, 40-3º esq
1150-214 Lisboa
Tel: 213 582 518 /19/21
Fax: 213 582 520

MAIL:
furia@netcabo.pt



UMA NOITE AO ACASO

Uma noite ao acaso
2005, 20', HDCAM

ESTREIA

SINOPSE:

Numa madrugada fria e sem chuva, um passageiro sai de uma estação de comboios e entra num táxi. Era para ser uma curta viagem de rotina mas a insistência do acaso determina que 3 desconhecidos cruzem os seus destinos e partilhem o mesmo trajecto por mais tempo do que qual-quer deles desejaria. Uma história anónima, como tantas outras que ocorrem todas as noites na cidade.

BIOFILMOGRAFIA:

Victor Candeias nunca concluiu qualquer curso e por manifesto desinteresse em várias especializações profissionais resolveu ser realizador de filmes, mesmo sem saber se tinha jeito para isso. À falta de melhor exercício tornou-se mercenário de audiovisuais, arte que foi entremeando com umas aulas dadas por de-senfado para ver se aprendia mais alguma coisa do ofício. Depois de uns quantos documentários e de muitos outros géneros menores, acabaria por conseguir apoios para fazer a sua primeira curta-metragem de ficção. Entretanto passou mais de uma década, mas nunca é tarde para recomeçar...

FICHA TÉCNICA:

REALIZAÇÃO: Victor Candeias
ARGUMENTO: Victor Candeias
FOTOGRAFIA: André Szankowski
MONTAGEM: Rui Rosa
SOM: Armanda Carvalho
MÚSICA: Nuno Tempero
ACTORES: Filipe Duarte
 Henrique Viana
 Pedro Alpiarça
PRODUÇÃO: Mediterrânea

CONTACTO:

Mediterrânea
Rua Coelho da Rocha nº50 - 1.º dto
1250-088 Lisboa
Tel: 218 120 038
Fax: 218 111 624

MAIL:

info@mediterranea.com.pt



TRANSFERIR I
PASSAR DE UM A OUTRO

PRE EVOLUTION SOCCER'S ONE-MINUTE DANCE AFTER A GOLDEN GOAL IN THE MASTER LEAGUE

Pre evolution soccer's one-minute dance after a golden goal in the master league
2004, 1', Betacam

SINOPSE:

Dança de um minuto depois de um golo na liga dos mestres.

BIOFILMOGRAFIA:

Miguel Gomes nasceu em Lisboa em 1972. Realizou a sua primeira curta metragem *Entretanto* em 1999, tendo obtido o prémio para melhor realização em Vila do Conde bem como o grande prémio no festival de Oberhausen. Desde então, realizou outras 3 curtas metragens: *Inventário de natal* em 2000, *31* em 2001 e *Kalkitos* em 2002. A sua primeira longa metragem, *A Cara que Mereces*, foi até ao momento distinguida com os prémios da crítica e de melhor fotografia na primeira edição do IndieLisboa e considerada um dos melhores filmes de 2004 pelos Cahiers du Cinéma.

Just a Minute – International Film Festival Rotterdam (Holanda, 2004)
Marché du Film – Short Film Corner Cannes (França, 2004)
Festival Nemo (França, 2005)

FICHA TÉCNICA:

REALIZAÇÃO: Miguel Gomes
ARGUMENTO: Miguel Gomes
FOTOGRAFIA: Miguel Gomes
MONTAGEM: Telmo Churro
PRODUÇÃO: O Som e a Fúria

CONTACTO:

O Som e a Fúria
R. da Sociedade Farmacêutica, 40-3º esq
1150-214 Lisboa
Tel: 213 582 518 /19/21
Fax: 213 582 520

MAIL:

furia@netcabo.pt



DIES IRAE

Dies Irae
2003, 6', Animação, Betacam | Série: Ficções do Assombro

SINOPSE:

Um tipo, a quem podemos dar o nome de X, leva uma vida monótona com trabalho, família e futebol. Mas um dia o clube perde...

BIOFILMOGRAFIA:

João Morais Ribeiro nasceu em Lisboa dia 13 de Junho de 1967. Frequentou o Curso de Pintura da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa até ao 3º ano e completou o Curso Formação Musical e Composição pela Academia de Amadores de Música de Lisboa. O seu percurso inicial foi repartido entre as ilustrações para a imprensa, banda desenhada em revistas, capas e ilustração de livros, e algumas exposições de pintura ou ilustração. Ligado à produtora Animanostra desde o seu início em 1992, colaborou nas suas diversas séries como animador e em “Lay-outs”, além de pequenos filmes como autor para o programa infantil da RTP, *Jardim da Celeste*. *Dies Irae* é a 1ª curta metragem como realizador.

Fantasporto (Mostra não competitiva) 2004
Caminhos do Cinema Português, XI edição 2004
5º Fest Court Metrages de Lille (seleccionado para participação) 2005

FICHA TÉCNICA:

REALIZAÇÃO: João Morais Ribeiro
ARGUMENTO: Humberto Santana
FOTOGRAFIA: João Morais Ribeiro
ANIMAÇÃO: João Morais Ribeiro
Armando Coelho
MONTAGEM: André Militão / MIXTURAS
SOM: Paulo Curado
MÚSICA: João Morais Ribeiro
VOZES: Andreia Bento
Miguel Borges
Teresa Sobral
Animação de desenho 2D / lápis sobre papel
PRODUÇÃO: Humberto Santana
Animanostra

CONTACTO:

Animanostra
Av. 5 de Outubro. 10- 1ª sala 9
1050-056 Lisboa
Tel: 213 157 692
Fax: 213 534 194

MAIL:

anima@animanostra.pt



FRONTEIRAS

Fronteiras
2004, 12’ 30”, 16mm

SINOPSE:
Pedro é um estudante de arquitectura que vive longe de qualquer relação com outras pessoas. Beatriz é a sua namorada imaginária, resultado do seu distanciamento com os outros. Quando Pedro se apercebe que Beatriz não existe tenta suicidar-se; mas no último instante escolhe viver a realidade.

BIOFILMOGRAFIA:
Sara Cruz nasceu em Lisboa em 8 de Maio de 1980. Em 2001 entrou para a ESTC. No seu 1º ano realizou a curta *Um pequeno conto*, produziu *O Traço*, escreveu o argumento de *A queda*. Em 2003 foi montadora de *Os Justos* e realizou este *Fronteiras*.

Illumenation 2005 (Helsinki)

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: Sara Cruz
ARGUMENTO: Carlos Figueiredo
FOTOGRAFIA: Ivânia West
MONTAGEM: Bruno Cabral
Patrick Mendes
SOM: Ricardo Fonseca
DECORAÇÃO: Marco Geraldes
GUARDA-ROUPA: Vasco Santos
MAQUILHAGEM: Tânia Marques
ACTORES: João Lobo
Maria Galhardo
Rosa Mãe
João Pedro Cary
PRODUÇÃO: ESTC

CONTACTO:
ESTC - Jaime Silva
Av. Marquês de Pombal, 22B
2700-571 Amadora
Tel: 214 989 400
Fax: 214 937 620
MAIL:
festival@estc.ipl.pt



DUAS PESSOAS

Duas pessoas
2004, 9’, 16mm

SINOPSE:
Uma prostituta e um cliente têm a solidão por única base comum. Embora esta os conduza à intimidade, é também o motivo pelo qual imediatamente ela é negada. E ficam então, nessas noites, duas pessoas completamente sozinhas. Na presença uma da outra.

BIOFILMOGRAFIA:
João Salaviza nasceu em Lisboa no dia 19 de Fevereiro de 1984. Estuda actualmente no segundo ano do curso de cinema na ESTC na área de montagem. Na ESTC realizou o documentário *O homem invisível*, a curta *Duas Pessoas* e vídeos para a peça *Estarei eu ao menos a ser visto* de Samuel Becket, uma produção do departamento de Teatro. Escreveu ainda o argumento da curta *Vinte e poucos anos*. Fora da ESTC foi director de fotografia e fez a montagem do vídeo *Viagem* de Ana Telhado e dirigiu a fotografia do vídeo experimental *Living Tissues* também de Ana Telhado.
1st Annual Fresh Films Karlovy Vary (República Checa, 2004)
6th International Student Film Festival (Belgrad, 2004)
Rencontres Internationales Henri Langlois (2004)
Illumenation (Helsinki, 2005)

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: João Salaviza
ARGUMENTO: Inês Clemente
Adaptação do texto Duas Pessoas de Herberto Helder
FOTOGRAFIA: Vasco Viana
MONTAGEM: Tiago Nunes
Nádia Santos Henriques
Sílvio Sousa
Sara Esteves
João Salaviza
SOM: Inês Clemente
DECORAÇÃO: Patrícia Ameixial
Sónia Dias
MAQUILHAGEM: Sandra Catarino
ACTORES: Rui Morrison
Julie Sargeant
PRODUÇÃO: ESTC

CONTACTO:
ESTC - Jaime Silva
2700-571 Amadora
Tel: 214 989 400
Fax: 214 937 620
MAIL:
festival@estc.ipl.pt



DA MINHA JANELA

Da minha janela
2004, 9’ 45”, 35mm

SINOPSE:

Um homem reflecte sobre uma perda recente e dolorosa. O homem – chama-se Artur, mas o seu nome nunca será pronunciado – vive num prédio de apartamentos junto ao rio. Da sua janela vêem-se os estaleiros onde ele trabalhou antes de se reformar, um pedaço do rio e a grande cidade na outra margem. Desse homem sabemos apenas – ou compreendemos a pouco e pouco – que tenta digerir uma dor. É um momento apenas da sua vida. Alguns gestos de uma vida banal.

BIOFILMOGRAFIA:

Pedro Caldas tem o curso da ESTC. Fazem parte da sua filmografia os seguintes títulos: *Entrada em palco* (1997, documentário); *É só um minuto* (1998) que participou em numerosos festivais e ganhou o prémio de revelação em Santa Maria da Feira; *O pedido de emprego* (1999) considerada a melhor curta metragem em Vila do Conde e no festival de Morbegno, em Itália. Em 2000 fez *Boris e Jeremias* que ganhou o prémio da crítica em Santa Maria da Feira e o prémio Eixo-Atlântico no festival de Ourense, Espanha. Em 2001 realizou *Que tenhas tudo o que desejas* (menção honrosa no Festróia), em 2004 *Da minha janela* e *Figuras Obrigatórias*, ambos em exibição nesta Mostra.

Festival Internacional de Curtas Metragens de Vila do Conde 2004
Festival de Roterdão (Janeiro e Fevereiro de 2005)

FICHA TÉCNICA:

REALIZAÇÃO: Pedro Caldas
ARGUMENTO: Pedro Caldas
FOTOGRAFIA: Leonardo Simões
MONTAGEM: Renata Sancho
SOM: Raquel Jacinto
DECORAÇÃO: Isabel Silva
Ana Paula Rocha
GUARDA-ROUPA: Isabel Silva
Ana Paula Rocha
ACTOR: Luís Vieira Caldas
PRODUÇÃO: Luz e Sombra

CONTACTO:

Luz e Sombra
Rua Tenente Raul Cascais, nº8 - 1º esq
1250-268 Lisboa
Tel: 213 331 132
Fax: 213 582 589

MAIL:

luzesombra@mail.telepac.pt



O DESALMADO

O Desalmado
2003, 6’, Betacam SP, Animação | Série: Ficções do Assombro

SINOPSE:

A odisseia de um homem que se tornou eremita por males de amor e recebe um par de asas de anjo, depois de vencer o demónio.

BIOFILMOGRAFIA:

Afonso Cruz nasceu na Figueira da Foz em 1971. Trabalha em animação desde 1991. Realizou um episódio do filme *Dois Diários e Um Azulejo*, baseado na obra do poeta português Mário de Sá Carneiro (2002). Neste momento está a realizar a série *Histórias de Molero*.

Fantasporto (Mostra não competitiva) 2004
Caminhos do Cinema Português, XI edição 2004
Festival de Curtas Metragens do Hospital Júlio De Matos 2004

FICHA TÉCNICA:

REALIZAÇÃO: Afonso Cruz
ARGUMENTO: Humberto Santana
ANIMAÇÃO: Carla Guita
Irina Calado
MONTAGEM: André Militão / MIXTURAS
MÚSICA: Afonso Cruz
SOM: Paulo Curado
VOZES: Andreia Bento
Miguel Borges
Pedro Carraca
Animação de desenho 2D / lápis sobre papel
PRODUÇÃO: Humberto Santana
Animanostra

CONTACTO:

Animanostra
Av. 5 de Outubro, 10 -1º sala 9
1050-056 Lisboa
Tel: 213 157 692
Fax: 213 534 194

MAIL:

anima@animanostra.pt



PÓS_

Pós_ 2004, 9', filmado em 16mm, projecção em Betacam

SINOPSE:
Num cenário de guerra um velho desiludido e amargo à beira do suicídio e uma jovem cheia de esperança de voltar a encontrar os seus pais, co-nhecem-se. Têm em comum o facto de estarem perdidos e à deriva, ela fisicamente por ter ficado cega e ele psicologicamente por ter perdido a esperança. Ele vai acompanhá-la e alimentar as suas ilusões descrevendo-lhe o mundo tal qual ele era. Mas quando encontram os pais dela mortos têm que se confrontar com a realidade e juntos partem em busca dum lugar onde ainda haja vida.

BIOFILMOGRAFIA:
Diogo Camões é aluno da ESTC, na Amadora, tendo nascido nesta cidade há 20 anos. Estuda no primeiro ano de cinema, e já trabalhou como assistente de realização, argumentista, assistente de produção e som em dois projectos escolares. Na fase final deste primeiro ano de cinema, o Diogo conseguiu levar a cabo o seu projecto, tendo sido realizador do mesmo: *Pós_*.

Seleccionado para Ovar Vídeo 2004

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: Diogo Camões
ARGUMENTO: Fabienne Martinot
FOTOGRAFIA: David Santos
Alex Eisinger
MONTAGEM: Equipa
SOM: Inês Lopes
ACTORES: Canto e Castro
Patrícia Andrade
PRODUÇÃO: ESTC

CONTACTO:
ESTC - Jaime Silva
Av. Marquês de Pombal, 22B
2700-571 Amadora
Tel: 214 989 400
Fax: 214 937 620
MAIL:
festival@estc.ipl.pt



O ÚLTIMO DOS SONHOS

O último dos sonhos 2003, 7', 16mm/video, projecção em Betacam

SINOPSE:
Miguel vive enclausurado numa realidade monocromática. Sozinho e infeliz. Um dia, o espelho do seu quarto abre-se para um mundo maravi-lhosamente colorido, onde ele é capaz de moldar a realidade à sua volta. Repentinamente, esta desvanece, ele retorna ao quarto. Mas o poder permanece e ele transforma o seu mundo a preto e branco numa visão repleta de côr.

BIOFILMOGRAFIA:
Luis Miranda é realizador e argumentista. Realizou já três curtas metragens em vídeo e filme: *Na ponta da lâmina* (1999), *Para além da realidade* (2001), *O último dos sonhos* (2003).

Fantasporto 2004: Selecção para a Secção Oficial Competitiva de Curtas Metragens Fantásticas

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: Luis Miranda
ARGUMENTO: Luis Miranda
FOTOGRAFIA: José Alberto Pinto
Cristina Tasqueira
MONTAGEM: Luis Miranda
SOM: Pedro FX
PRODUÇÃO: Jorge Neves

CONTACTO:
Alfândega Filmes
Rua Nova de Alfândega, 108, 1º
4050-431 Porto
Tel: 222 088 152
Fax: 222 088 153
MAIL:
alfandega-filmes@iol.pt



UMA LINHA VERTICAL E DUAS MÃOS

Uma linha vertical e duas mãos
2004, 14', Betacam

SINOPSE:
Tenho uma imagem antiga, intemporal, que guardo como se guardaram as guitarras, em caixas com autocolantes na tampa. É a imagem de uma guitarra portuguesa abraçada a um homem. As suas mãos estão encostadas à guitarra e segredam-lhe: “Quem me tira uma guitarra bem gemida, tira-me tudo.” Duas músicas. O som das imagens. A magia de um homem. Palavras espalhadas, descartadas, perdidas no encanto dos movimentos perpétuos de Carlos Paredes.

BIOFILMOGRAFIA:
Pedro Sena Nunes nasceu em Lisboa a 18 de Maio de 1968 com 2,780Kg. Terminou o Curso de Cinema em 1992 e co-fundou a Companhia Teatro Meridional, na qual é responsável pela área audiovisual. Entre Barcelona, Lyon, Sitges, Budapeste, Lisboa e Florença participou em cursos e workshops de cinema, fotografia, vídeo, teatro e escrita criativa. Realizou documentários e ficções em cinema e vídeo e produziu mais de 90 spots publicitários para televisão e rádio. Foi bolseiro de várias instituições. Regularmente colabora com coreógrafos, encenadores, artistas plásticos, actores, designers, músicos e arquitectos. Tem sido convidado para conferências nacionais e internacionais. Foi júri de concursos e festivais de fotografia, teatro, design, dança e cinema. É professor convidado na Escola Superior Teatro e Cinema, Forum Dança, Instituto Piaget, Escola Ana Wilson, GFVW, Escola Profissional de Imagem. Foi premiado com várias distinções nas áreas de fotografia, vídeo e cinema.

Prémio Melhor Video no 1º Festival NOVIDAD, 2003

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: Pedro Sena Nunes
FOTOGRAFIA: Pedro Sena Nunes
MONTAGEM: Pedro Sena Nunes
MÚSICA: Sam the Kid
Shelter Av.
PRODUÇÃO: Iceberg

CONTACTO:
Pedro Sena Nunes
R. Presidente Arriaga, 29, 1º esq.
1200-771 Lisboa
Tel: 213 932 410
Fax: 213 932 415

MAIL:
vo.arte@netcabo.pt



APROXIMAR
INTIMIDADE VIDEO I

Sem Respirar

Sem Respirar
2004, 8', Betacam

SINOPSE:
Futuro próximo: Bruno tenta reconquistar Isabel, a sua ex-mulher. Pressionada pela sua mãe autoritária e por Jorge, o seu novo e imposto namorado, Isabel apresenta queixa por assédio contra Bruno. Bruno é julgado e condenado. É-lhe colocado um implante na garganta, que o sufocará sempre que se aproxime a menos de 100 metros de Isabel. Mas Bruno não desiste. Apesar dos avisos de Miguel, o seu melhor amigo, Bruno começa os treinos para resistir mais tempo sem respirar.

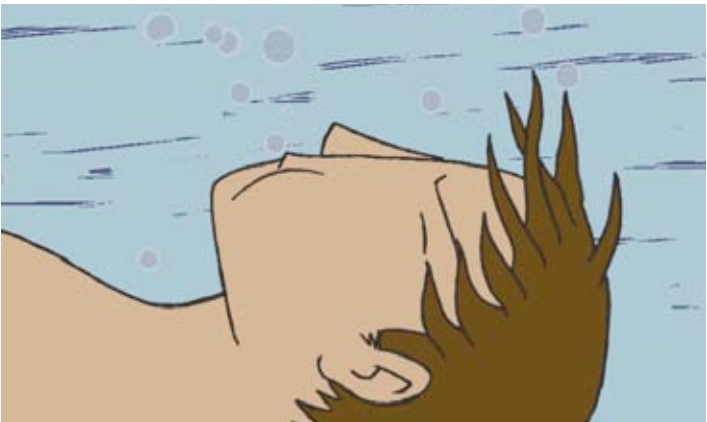
BIOFILMOGRAFIA:
Pedro Brito nasceu no Barreiro a 04-10-75. Iniciou a sua actividade no cinema de animação em 1993, através do curso de formação de assistentes de animação na TOBISTOON. Depois de um interregno, para frequentar o Curso Superior de Design Gráfico no I.A.D.E., começa a colaborar com a ANIMANOSTRA em várias produções, nomeadamente *O Jardim da Celeste*, *Os Patinhos*, como assistente de animação e posteriormente como animador. Participa também na série *Angelitos* como artista de layout. É co-realizador da média metragem *A Estrela de Gaspar*, sendo também responsável pela criação gráfica. De momento está a realizar a curta-metragem *Sem Dúvida...Amanhã*. Trabalha também em Banda Desenhada e em ilustração, tendo publicado já vários livros.

- 5º Festival Court Metrages De Lille 2005
- 25º Fantasporto (extra competição) 2005
- Festival Internacional de Curtas Metragens de Vila do Conde 2004
- Indielisboa 2004
- CINANIMA 2004 (extra competição - Mostra Jovem Realizador)
- FIKE 2004

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: Pedro Brito
ARGUMENTO: Filipe Homem Fonseca
ANIMAÇÃO: João Ferreira
Pedro Brito
Rui Gamito
Rui Filipe
MONTAGEM: André Militão / MIXTURAS
SOM: Paulo Curado
MÚSICA: Maestro Nick Nicotine IV
VOZES: Ana Costa
Filipe Homem Fonseca
Humberto Santana
Animação de desenho 2D / lápis sobre papel
PRODUÇÃO: Humberto Santana
Animanostra

CONTACTO:
Animanostra
Av. 5 de Outubro. 10- 1º sala 9
1050-056 Lisboa
Tel: 213 157 692
Fax: 213 534 197

MAIL:
anima@animanostra.pt



Perto

Perto
2004, 24', 16mm

SINOPSE:
Um homem apaixonado-se pela sua vizinha de cima. Por desejo e ciúme, vai eliminar qualquer obstáculo que os separe. Infelizmente as coisas acontecem da forma que menos espera.

BIOFILMOGRAFIA:
Pedro Pinho estudou na Escola Superior de Teatro e Cinema em Lisboa e na Escola Louis Lumière, em Paris, tendo terminado o curso em Setembro 2003. Este é o seu primeiro filme.

- 8º Festival Luso-Brasileiro de Santa Maria da Feira 2004

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: Pedro Pinho
ARGUMENTO: Pedro Pinho
FOTOGRAFIA: Alexandre Labbe
MONTAGEM: Rui Pires
SOM: Carlos Ibañez
Marc Parazon
Hugo Alves
MÚSICA: Nuno Morão
ACTORES: Rudy Galiffi
Anna Bielska
Jean-Louis Carrere
PRODUÇÃO: Pedro Pinho
Marianne Tardieu
Mar Fazenda
Vasco Lopes

CONTACTO:
Agência da Curta Metragem
Apartado 214
4481-911 Vila do Conde
Tel: 252 646 683
Fax: 252 638 027 / 252 248 416

MAIL:
agencia@curtasmetragens.pt





W.

2004, 37', filmado em Mini Dv, projecção em 35mm

SINOPSE:

Imaginemos um casal numa viagem de carro em que de vez em quando são gravados alguns fragmentos das férias numa câmara de vídeo. W. é um documentário de personagens em que nós vemos o que os actores filmam. São um casal entre a memória da felicidade e a ruptura. Os sentimentos dessiminam-se na paisagem que passa e não se repete num percurso deserto e de silêncios.

BIOFILMOGRAFIA:

Paulo Belém nasceu em 1970. Foi assistente de realização e anotador em filmes de Teresa Vilaverde, Catarina Ruivo, Jeanne Waltz, José Álvaro Morais, Pedro Costa, entre outros. *W.* é a sua segunda curta metragem, depois de *Desvio* co-realizada com Jorge Cramez, na ESTC. Para além do curso de cinema na área de montagem na ESTC fez diversos workshops nos EUA, Japão, e Portugal.

Festival Internacional de Curtas Metragens de Vila do Conde 2004

FICHA TÉCNICA:

REALIZAÇÃO: Paulo Belém

ARGUMENTO: Carla Bolito

Marcelo Urgeghe

Paulo Belém

FOTOGRAFIA: Carla Bolito

Marcelo Urgeghe

João Ribeiro

MONTAGEM: Catarina Ruivo

SOM: António Pedro

Vasco Pimentel

Elsa Ferreira

ACTORES: Carla Bolito

Marcelo Urgeghe

PRODUÇÃO: Filmes do Tejo

CONTACT:

Filmes do Tejo

Av. da Liberdade nº85, 3º

1250-140 Lisboa

Tel: 213 234 400/01

Fax: 213 477 087

MAIL:

filmesdotejo@filmesdotejo.pt



BOM DIA BENJAMIN!

Bom dia Benjamin!
2004, 108 x 30”, Betacam

SINOPSE:
O Benjamin é um miúdo de 6 anos que vive num mundo quase a duas dimensões, uma flatland desenvolvida no imaginário visual do livro homónimo, onde os pais, os amigos, os brinquedos, os objectos e as acções do quotidiano são por ele observados de forma peculiar.

BIOFILMOGRAFIA:
Nuno Amorim é licenciado em Arquitectura pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Especializou-se contudo em animação, realizando diversos cursos e workshops por toda a Europa. Foi realizador de tv na RTP onde também criou, projectou e foi chefe do departamento de videografismo. Realizou o vídeo/dança-performance de 50’ para o espectáculo *Molly*, de Margarida Bettencourt e João Natividade, foi co-produtor e autor do genérico da curta **-9** de Rita Nunes. Fazem parte da sua filmografia as animações: *Imagens del Perú* (1982), *O Quadradinho Vermelho e o Cubo Mau* (1982), *Caixa Negra* (2000), e o *Bom dia Benjamin!*. Fez ainda as seguintes séries documentais: *Não Me Lembra, Era Pequeno* (1995), *Quero Lá Saber* (1996/7, c/ Dulce Simões), *RTP, 40 Anos* (1997, c/ Dulce Simões), *25 Anos de Eleições* (1999) e ainda a série cultural *Figuras de Estilo* (1995). Tem neste momento em curso as seguintes produções: *Todos os passos*, *O trabalho do corpo*, *A noiva do gigante*.

Seleccção Panorama, Cinanima 2004

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: Nuno Amorim
ARGUMENTO: Patrícia Castanheira
Maria João Cruz
Miguel Viterbo
ANIMAÇÃO: Miguel Braga
Sandro Domingos
SOM: Paulo Curado
MÚSICA: José Peixoto, Paulo Curado
VOZES: Miguel Sobral Curado
João Vaz
Teresa Sobral
PRODUÇÃO: Animais, em associação com
Animanostra

CONTACTO:
Animais
Praça da Figueira, 7-3º esq.
1100-240 Lisboa
Tel/Fax: 218 473 668
MAIL:
animais@mail.telepac.pt



A COR NEGRA

A cor negra
2004, 5’, Animação, Betacam

SINOPSE:
Por instinto cobre a chama instável à sua frente, o fogo consome aos poucos as lágrimas e a febre. Só depois começa o lamento. O vento frio, varre a cinza no chão e gela a sala.

BIOFILMOGRAFIA:
Silvino Fernandes nasceu no Brasil onde se licenciou em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. Desde 1984 escreve e realiza peças para o teatro, televisão, cinema tendo ganho diversos prémios com o seu trabalho. Escreveu *João Mata Sete*, que adaptou para o cinema e se tornou o seu primeiro filme animado português. É também sócio gerente da produtora Abre-te Césamo que produz programas infantis e séries televisivas.

Paulo Sousa tem nacionalidade franco-portuguesa. Começou a trabalhar na produtora Miragem onde desempenhou diversas funções artísticas e técnicas como operador de câmara, de montagem, director de fotografia e realizador, nomeadamente em séries como *Major Alvega*, que combina acção real com animação e cenários virtuais. Neste momento está a realizar *A bruxa e o ET*, uma animação em 26 episódio de 25 minutos.

Caminhos do Cinema Português 2005

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: Silvino Fernandes
Paulo Sousa
ARGUMENTO: Silvino Fernandes
MONTAGEM: Silvino Fernandes
Paulo Sousa
ANIMAÇÃO: Luis Tiago
Renatto Barretto
SOM: Fernando Terra
MÚSICA: Sérgio Zurawsky
Desenho em papel, animação 2D/3D computador
PRODUÇÃO: Abre-te Césamo

CONTACTO:
Abre-te Césamo
Rua do Sobreiro, 284
C.C.L/AC 153
4460-430 Senhora da Hora
Tel: 229 549 318
Fax: 229 549 353
MAIL:
abretecesamo@hotmail.com



A OVELHA AZUL

A ovelha Azul
2004, 10', Animação, Betacam

SINOPSE:
As aventuras e desventuras de uma pobre ovelha que nasceu com uma cor pouco comum.

BIOFILMOGRAFIA:
Os realizadores da ovelha azul são cerca de 200 crianças (com idades compreendidas entre os 5 e os 10 anos) das oito escolas do 1º ciclo do concelho do Fundão: Peroviseu, Salgueiro, Quintãs, Monte Leal, Capinha Alpedrinha, Castelo Novo e Orca, todas no concelho do Fundão. O trabalho foi levado a cabo no âmbito do projecto *Frame a Frame*, apoiado pelo programa Ver, ICAM, e Câmara Municipal do Fundão.

IMAGO 2004 (festival internacional de cinema e vídeo jovem, Fundão)
Mostra de pequenos filmes + OLHARES (Chapitô)
VIDEOTIVOLI - 35ª edição do Festival Internacional de Curtas Metragens de Tampere (Finlândia)

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: Alunos de Escolas do
Concelho do Fundão - orientação de
Nelson Fernandes e Rodolfo Pimenta
PRODUÇÃO: Cinema Jovem CRL - integrado
no projecto *Frame a Frame*

CONTACTO:
Cooperativa Cinema Jovem
Apartado 324
Av. Eugénio de Andrade Bloco D, 3ºdto. trás
6230-909 Fundão
Tel/Fax: 275 771 607
MAIL:
info@imagofilmfest.com



AS COISAS LÁ DE CASA

As coisas lá de casa
2003, 3x2'30'', Betacam

SINOPSE:
26 histórias cantadas em plasticina, para crianças até aos 6 anos, cujos personagens principais são as coisas lá de casa: a tesoura e a agulha, a roupa e as molas, o lápis e a borracha, ... Na verdade, os objectos com que os mais novos realmente se entretêm para aprenderem a crescer imitando os mais velhos.

BIOFILMOGRAFIA:
José Miguel Ribeiro nasceu em 1966 na Amadora. Licenciou-se em Artes Plásticas – Pintura na ESBAL e estudou desenho e animação de bonecos em Lazenec-Bretagne / Rennes e no Filmógrafo (Porto, 1993/4). Durante vários anos ensinou a animar bonecos na fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa. Na sua filmografia estão projectos como diversos episódios do *Jardim da Celeste*, *Timor Loro Sae*, *A suspeita*, *As coisas lá de casa*, e spots para diversos eventos. Neste momento está a preparar o seu próximo projecto, *Passeio de Domingo*.

Em exibição na :2 (RTP)

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: José Miguel Ribeiro
ANIMAÇÃO: Sandra Santos
Rita Sampaio
Jeanette Denise Christian
MÚSICA: Bernardo Devlin
VOZES: Marta Sousa Ribeiro
Maria Sousa Ribeiro
Animação em plasticina
PRODUÇÃO: Luis da Matta Almeida
Zeppelin Filmes

CONTACTO:
Zeppelin Filmes
Av. Portugal, 66 - 1º Dto.
2795-554 Carnaxide
Tel: 214 251 980
Fax: 214 251 989

MAIL:
info@zeppelin-filmes.pt



O OUTRO LADO DO ARCO-ÍRIS

O outro lado do arco-íris
2004, 20' 53'', Betacam

SINOPSE:
Carica tem apenas sete anos e quer uma bicicleta de presente de Natal. Mas a sua família não tem dinheiro. O avô conta-lhe a história do pote de ouro no fim do arco-íris. No primeiro dia em que faz chuva e sol, Carica lança-se à aventura.

BIOFILMOGRAFIA:
Gonçalo Galvão Teles é licenciado em direito pela Universidade Clássica de Lisboa. Tirou o Mestrado em Escrita Audiovisual pela Universidade do Sul da Califórnia (1996/99). Fez ainda o EAVE - Programa Anual de Formação de Produtores, Workshops de Escrita de Argumento com Frank Daniel e John Furia, Jr. e foi Bolseiro do Gabinete de Relações Internacionais do Ministério da Cultura. Já escreveu diversos argumen- tos e produziu vários filmes. Para além deste filme, realizou o telefilme *Teorema de Pitágoras* para a SIC.

Instambul International Film Festival (2004)
Where is the love? (Bucareste, 2004)
Santa Maria da Feira (2004)

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: Gonçalo Galvão Teles
ARGUMENTO: Gonçalo Galvão Teles
FOTOGRAFIA: Inês Carvalho
SOM: Armanda Carvalho
MÚSICA: Nuno Malo
DECORAÇÃO: Paula Szabo
GUARDA-ROUPA: Rosarinho
ACTORES: João Miguel Direitinho
Nicolau Breyner
Joaquim Horta
PRODUÇÃO: Fado Filmes

CONTACTO:
Fado Filmes
Rua Gonçalves Zarco, 18 - 5º dto
1400-191 Lisboa
Tel: 213 021 032
Fax: 213 021 042

MAIL:
fadofilmes@mail.telepac.pt



TRANSFERIR II
DO AMOR

UM PEQUENO CRIME

Um pequeno crime
2003, 13’ 30’’, 16mm

SINOPSE:
Raúl, merceeiro de Alfama, tem uma discussão com a ex-amante que o ameaça de contar tudo à sua mulher. Mais tarde, ao chegar a casa, encontra uma criança à sua porta, que toma pelo filho ilegítimo que nunca viu. Tenta abandoná-lo mas, ao longo das várias tentativas falhadas acaba por se afeiçoar ao bebé, e decide contar à sua mulher o sucedido.

BIOFILMOGRAFIA:
Hugo Martins nasceu a 7 de Maio de 1973. Em 1988 frequentou o curso básico da The New York Film Academy, com duração de 8 meses onde realizou *Time Function*. Na ESTC, bacharelato em Montagem terminado em 2003, realizou o documentário *O homem dos sete instrumentos* e as ficções *Um pequeno crime* e *Feliz Aniversário*.

VII Festival Internacional de Escuelas de Cine (Mexico) 2003
CineEco 2003
Short Films (Londres) 2003
3rd International Student Film (Beijing) 2004

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: Hugo Martins
ARGUMENTO: Leandro Vaz da Silva
Adaptação de um conto homónimo de Tchekov
FOTOGRAFIA: Leandro Vaz da Silva
MONTAGEM: Hugo Martins
Cristovão Reis
Pedro Paiva
SOM: Mário Dias
DECORAÇÃO: Rui Correia
Jorge Gomes
GUARDA-ROUPA: Paulo Lopes
Hugo Martins
MAQUILHAGEM: Catarina Dias
ACTORES: João Saboga
Carlos Pereira
Manuela Rodrigues
PRODUÇÃO: ESTC

CONTACTO:
ESTC - Jaime Silva
Av. Marquês de Pombal, 22B
2700-571 Amadora
Tel: 214 989 400
Fax: 214 937 620

MAIL:
festival@estc.ipl.pt



B.D.

B.D.
2004, 13’, 35mm

SINOPSE:
Marcos, um carteiro em Lisboa, dá por si a namorar com duas raparigas, Sofia e Catarina. Decide dizer a Sofia a verdade (que se apaixonou por Catarina), mas, por timidez, bondade ou cobardia, não consegue. Alegrementemente, desesperadamente, vai saltitando entre uma e outra, mentindo às duas. Até que, claro, a certa altura é apanhado – e fica sozinho. *B.D.* é uma pequena comédia para três actores.

BIOFILMOGRAFIA:
Jacinto Lucas Pires nasceu no Porto em1974. Publicou 8 livros de ficção, teatro e contos pela editora Cotovia. Entre estes textos estão *Universos e frigoríficos* que estreou no Teatro de S. João com encenação de Ricardo Pais, e *Arranha-céus* no CCB com encenação de Manuel Wiborg. Escreveu ainda mais duas peças estreadas em 2001 e 2002: *Escrever, falar e No fundo do fundo*. Escreveu o argumento da curta-metragem de Pedro Caldas *É só um minuto*. Realizou a curta-metragem *Cinemaamor* com argumento seu pela qual recebeu o prémio dos cine-clubes, no Festival de Santa Maria da Feira.

Festival Internacional de Vila do Conde (2004)

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: Jacinto Lucas Pires
ARGUMENTO: Jacinto Lucas Pires
FOTOGRAFIA: Isabel Aboim
MONTAGEM: Carmen Castello-Branco
SOM: Raquel Jacinto
ACTORES: Marcos Barbosa
Sofia Marques
Catarina Requeijo
PRODUÇÃO: Luz e Sombra

CONTACTO:
Luz e Sombra
Rua Tenente Raul Cascais, nº8 - 1º eq.
1250-268 Lisboa
Tel: 213 331 132
Fax: 213 582 589

MAIL:
luzesombra@mail.telepac.pt



O ESTRATAGEMA DO AMOR

O estratagemas do amor
2004, 20', 35mm

SINOPSE:
A paixão de Agustina são outras raparigas e não hesita em camuflar-se nas vestes de homem para as seduzir. Mas as convicções desta aristocrata serão em breve profundamente abaladas. Perdido de paixão, Franville está decidido a conquistá-la e, estratégia por estratégia, veste a pele de uma cativante menina recatada. À sedutora Agustina, na sua pose de elegante militar, não escapa a presença daquela peculiar desconhecida. Refugiados nos seus disfarces, os dois apaixonados entregam-se a um complexo jogo de sedução e enganos.

BIOFILMOGRAFIA:
Ricardo Aibéo nasceu em Lisboa em 1973. Em 1996 concluiu o Curso Profissional de Artes e Ofícios do Espectáculo. No teatro foi dirigido por Luís Miguel Cintra, Christine Laurent, João Perry, António Pires e outros encenadores. Encenou os espectáculos *Hamlet* de Luís Buñuel, *Duas farsas conjugais* de Georges Feydeau e *César Anticristo* de Alfred Jarry, apresentados no Teatro do Bairro Alto. No cinema participou em filmes de José Álvaro de Moraes, Jorge Silva Melo, Raoul Ruiz, Manuel Mozos, Jean Claude Biette, Manuela Viegas, Jeanne Waltz, Catarina Ruivo, Raquel Freire, Jorge Cramez, Daniel Bleufuks, Luís Fonseca, Carlos Braga. Em 2003 realiza *Estratagemas do amor*, o seu primeiro filme..

Prémio de Melhor actriz (Rita Durão) no Festival Internacional de Curtas Metragens de Vila do Conde (2004)

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: Ricardo Aibéo
ARGUMENTO: Ricardo Aibéo
Adaptado do conto Augustine de Villeblanche de Marquês de Sade
FOTOGRAFIA: Acácio de Almeida
MONTAGEM: Pedro Marques
SOM: Pedro Melo
MÚSICA: Stéphen Bull
ACTORES: Rita Durão
Tobias Monteiro
Lígia Soares
PRODUÇÃO: Filmes do Tejo

CONTACTO:
Filmes do Tejo
Av. da Liberdade, nº85 - 3º
1250-140 Lisboa
Tel: 213 234 400 / 01
Fax: 213 477 087
MAIL:
filmesdotejo@filmesdotejo.pt



A RAPARIGA NO ESELHO

A rapariga no espelho
2003, 20' 30'', 35mm

SINOPSE:
Um amigo japonês disse-me que uma sinopse deve ser como uma brochura numa agência de viagens, que nos convida a visitar um lugar exótico. Seguindo o seu conselho, eu e a Rapariga no Espelho convidamo-los a viajar para um lugar curioso, misterioso talvez, uma sofisticada caixa de espelhos num estúdio de televisão. Um lugar onde a aplicação de baton vermelho nos lábios dá a vida e uma câmara broadcast a tira, reclamando raparigas perdidas em romances endoscópicos para a escuridão, onde se evaporam, no interior vazio de vestidos haute couture.

BIOFILMOGRAFIA:
Pedro Fortes nasceu em 1972. Estudou arquitectura e Pintura. Tem o curso de montagem na ESTC. Vive em Lisboa e este é o seu primeiro filme.

Prémio Onofre para a melhor Curta no Festival Ibérico de Cinema de Badajoz (Espanha, 2004)
16th Premiers Plans, Festival d'Angers (França, 2004)
12th Mediterranean Festival of New Film Makers Larissa (Grécia, 2004)
Festival Internacional de Curtas Metragens de Vila do Conde 2003
FIKE 2003
Portuguese Festival (Reino Unido, 2003)

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: Pedro Fortes
ARGUMENTO: Pedro Fortes
Paulo Rebelo
FOTOGRAFIA: Miguel Sales Lopes
MONTAGEM: Pedro Fortes
Paulo Rebelo
SOM: Max
ACTORES: Núria Madruga
Paulo Pires
Andreia Bento
PRODUÇÃO: O Som e a Fúria

CONTACTO:
O Som e a Fúria
R. da Sociedade Farmacêutica, 40 - 3ºesq.
1150-214 Lisboa
Tel: 213 582 518/19/21
Fax: 213 582 520
MAIL:
furia@netcabo.pt



RESISTIR I

QUEM É RICARDO?

Quem é Ricardo?
2004, 35', Betacam

SINOPSE:
Trata-se de um projecto original da autoria de Mário de Carvalho, sobre uma matéria que nunca foi tratada pelo nosso cinema, mas que nos parece indispensável divulgar junto de todo o público... um interrogatório da PIDE. A acção decorre no final dos anos 70 e dura seis dias e seis noites ininterruptas. Esbatem-se, na acção, referências demasiado explícitas, deixando-se em aberto a organização a que o interrogado/torturado pertence.

BIOFILMOGRAFIA:
José Barahona nasceu em 1969. Da sua filmografia constam os seguintes trabalhos: *Moita, Uma estreia em festa, O livro e a viagem sem limites, ... e assim nasceu a ilha de Timor, Por cima de Pedra e Vento, Fica quem mora em Marvão, Vianna da Motta, Cenas portuguesas, Anos de Guerra-Guiné 1963-1974, Sofia de Mello Breyner Anderson, Buenos Aires Hora Zero* todos documentários feitos entre 1997 e 2004. Foi também em 2004 que José Barahona realizou o *Pastoral*, a sua primeira ficção curta, logo seguida por este *Quem é Ricardo?*, no mesmo ano.

Fantasporto 2005

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: José Barahona
ARGUMENTO: Mário de Carvalho
FOTOGRAFIA: Leonardo Simões
MONTAGEM: Isabel Antunes
José Barahona
SOM: Quintino Bastos
MÚSICA: Joaquim de Brito
ACTORES: Augusto Portela
Luís Mascarenhas
Quim Cachopo
PRODUÇÃO: Cinequanon

CONTACTO:
Cinequanon
Rua Alexandre Ferreira, 35 - 1º esq.
1750-010 Lisboa
Tel: 217 585 100 / 217 597 414
Fax: 217 585 844

MAIL:
cinequanon@mail.telepac.pt



AGUENTA RAPAZ

Aguenta Rapaz
2003, 7', Betacam

SINOPSE:
Aguenta rapaz, baseado no conto de Mário Henrique Leiria, é a história de um resistente político numa sociedade ditatorial. Levado à força, é preso numa sala, onde o único contacto com o mundo é uma clarabóia no tecto. Ali fica à espera. À espera que o venham buscar...

BIOFILMOGRAFIA:
Primeiro filme de **Manuel Vilarinho**.

Prémio TAKE 1 - Festival Internacional de curtas metragens de Vila do Conde 2004

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: Manuel Vilarinho
ARGUMENTO: José Moreira
Manuel Vilarinho
FOTOGRAFIA: Manuel Vilarinho
MONTAGEM: Manuel Vilarinho
SOM: Pedro Guedes
Manuel Vilarinho
ACTORES: José Moreira
PRODUÇÃO: Manuel Vilarinho
Instituto Politécnico do Porto

CONTACTO:
Agência da Curta Metragem
Apartado 214
4481-911 Vila do Conde
Tel: 252 646 683
Fax: 252 638 027 / 252 248 416

MAIL:
agencia@curtasmetragens.pt



TIMOR LORO SAE

Timor Loro Sae
2004, 11’ 49”, animação, 35mm

SINOPSE:
No cruzamento de lendas e factos conta-se a história do povo Timorense que após 500 anos de colonialismo, resistiu a 26 anos de ocupação Indonésia. Timor Loro Sae é hoje um país livre, com o peso da dramática história recente.

BIOFILMOGRAFIA:
Vítor Lopes nasceu em Estarreja em 1963. Estudou Arte e Design. Realizou ilustrações para livros. Premiado nos concursos de Banda Desenhada e Cartoon de Loulé. Colabora nos estúdios de cinema de animação do Cine Club de Avanca, onde colaborou na realização da série de animação *Alfredo* exibida em 27 países. A curta metragem de animação *O massacre dos inocentes* é a sua primeira obra. Foi coordenador do workshop *O espaço e objectos de animação* orientado por Co Hoedman, integrado nos Encontros Avanca’98.

1º Prémio de Animação no VIDEOCOR 2004 – IV festival de Vídeo de Corroios
Prémio de melhor filme de animação no 6th International Panorama of Independent Film and Video of Tessaloniki (Grécia)
Prémio competição Avanca no AVANCA 2004 - Festival Internacional de Cinema, Tv, Vídeo e Multimédia

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: Vítor Lopes
ARGUMENTO: Vítor Lopes
ANIMAÇÃO: João Dias
Nuno Sarabando
Rui Carvalho
Vítor Lopes
MONTAGEM: Carlos Silva
Vítor Lopes
SOM: Fernando Rocha
MÚSICA: Abílio Araújo
Eurico Carrapatoso
Eugénio Amorim
João Pedro Oliveira
UNU
PRODUÇÃO: Cine Club de Avanca

CONTACTO:
Cine Club de Avanca
Rua Dr. Egas Moniz, 159
3860-078 Avanca
Tel: 234 884 174
Fax: 234 880 658

MAIL:
festival@avanca.com



I'LL SEE YOU IN MY DREAMS

I'll see you in my dreams
2004, 20', 35mm

SINOPSE:
Numa aldeia inexplicavelmente assolada por uma praga de zombies, Lúcio, um honesto trabalhador, é a úncia pessoa capaz de lhes fazer frente. Porém, tem problemas conjugais. Na cave da sua casa esconde Ana, sua adorada mulher, agora transformada num horrendo demónio de comportamento violento. Esta situação é temporariamente esquecida no bar local, onde os estranhos habitantes da povoação se refugiam. É aqui que, numa noite, Lúcio redescobre o amor junto de Nancy, mas a relação é ameaçada pelas estranhas criaturas e pelos ciúmes mortais da sua esposa. Poderá Lúcio acabar com todos os seus problemas à força da pistola e da catana?

BIOFILMOGRAFIA:
Miguel Angél Vivas nasceu a 22 de Setembro de 1974. Fez o 1º, 2º e 3º anos de Comunicação Audiovisual da UEM (Universidad Europea de Madrid). Foi assistente de realização e de imagem em diversos filmes, organizou seminários e co-organizou o primeiro festival de curtas-metragens da UEM. Da sua filmografia fazem parte: *El patito feo*, *Broma*, *La rana y el escorpión* (todos em vídeo); *Tesoro*, *Reflejos*, *El hombre del saco* e *Cuerdas* (35mm e 16mm)

Prémio Méliès para a melhor curta metragem no Fantasporto 2004
Prémio Méliès de Ouro no Amsterdam Film Festival 2004
Prémio do Público no Canada Fantasia 2004

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: Miguel Angél Vivas
ARGUMENTO: Filipe Melo
Ivan Vivas
Miguel Ángel Vivas
FOTOGRAFIA: Pedro J. Marquez
MONTAGEM: José Tito
SOM: Luis Alfonso
MÚSICA: José Sanchez-Sanz
Ivan Vivas
Moon Spell
MAQUILHAGEM E FX: SFX Studios (Canadá)
ACTORES: Adelino Tavares
São José Correia
Sofia Aparício
Manuel João Vieira
PRODUÇÃO: Filipe Melo
O pato profissional

CONTACTO:
R. Dr. Bastos Gonçalves nº1 - 15A
1600-898 Lisboa
Tel/Fax: 218 872 152

MAIL:
p_profissional@netcabo.pt

URL
www.illseeyouinmydreams.com



ESTILHAÇAR

OS DESTROÇOS VISTOS PELO VÍDEO E PELA PELÍCULA

DESTRUIÇÃO DE UMA CASA-DE-BANHO

Destruição de uma casa-de-banho
2003, 46', Dvcam

SINOPSE:

Uma mulher velha que trabalha a terra encontra-se na casa-de-banho de sua casa. A morte é-lhe anunciada por um ardor frio. A mulher velha contorce-se e desenvolve manobras de destruição da casa-de-banho. Depois procura um canto por entre os escombros e morre.

BIOFILMOGRAFIA:

André Dias nasceu em Lisboa, 1974. É Professor de *História e Teoria da Imagem em Movimento* no Ar.Co. Apresentou recentemente as conferências *Figuras da autópsia. Aspectos do documentário contemporâneo* na Universidade da Beira Interior (Covilhã) e *Depois do cinema moderno* na Faculdade de Letras de Lisboa. Comissariou a retrospectiva videográfica de Steina e Woody Vasulka, pioneiros da arte-vídeo americana, no Festival Vídeolisboa de 2001. É fundador e sócio da Raiva – Produção Audiovisual, para a qual concebeu uma lógica de autonomia de produção. Foi Professor de *Computação de Imagem e Som Digital* na Universidade Lusófona. Fundou e é presentemente Coordenador Técnico do Laboratório de Criação Cinematográfica da Universidade Nova de Lisboa. É licenciado em Ciências da Comunicação pela UNL. Frequenta uma segunda licenciatura em Filosofia na Universidade de Lisboa. Organizou os Encontros *Ainda não começámos a pensar* dedicados a vários problemas da cultura contemporânea. Realizou várias obras videográficas de pendor experimental, documental e ficcional, desde *O outro porno* (1997/9'/Hi8/VHS) e *Corpo abandonado* (1997/3'13"/DV), a *Dançar sobre a terra* (co-real. Susana Nobre/1997/7'/DV), e *Atravessar o mundo* (co-real. Renata Sancho/1997/10'/DV); em anos mais próximos, realizou o documentário *A máquina de emaranhar paisagens* (de Herberto Helder) (2001/62'/DV) e, em paralelo, a série inacabada *miniaturas* (2001-.../+40'/DV).

XI Caminhos do Cinema Português (2004)

FICHA TÉCNICA:

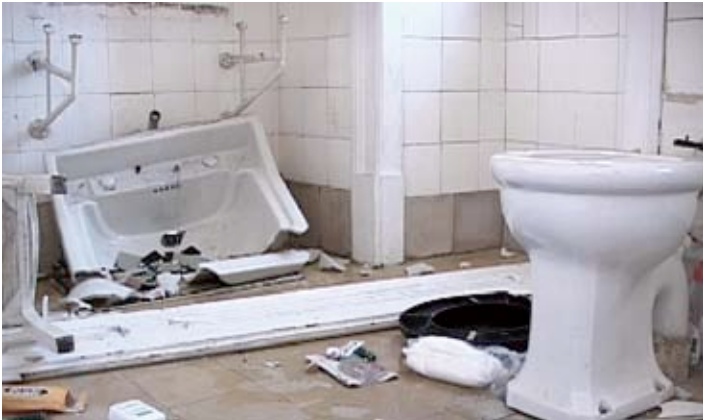
REALIZAÇÃO: André Dias
ARGUMENTO: André Matias
FOTOGRAFIA: André Dias
MONTAGEM: André Dias
Miguel Seabra Lopes
Ana Eliseu
SOM: Miguel Seabra Lopes
Nuno Morão
DECORAÇÃO: Ana Eliseu
GUARDA-ROUPA: Benilde Campos
ACTORES: Eugénia Jorge
PRODUÇÃO: Raiva

CONTACTO:

Raiva
Travessa de São Pedro, 3 - 1º
1200-432 Lisboa
Tel: 213 429 971

MAIL:

raiva@megamail.pt
andre.dias@fcsh.unl.pt



5CM PARA A MORTE

5cm para a morte
2003, 3' 14'', Betacam

SINOPSE:

A vida por um fio de navalha.
Uma reflexão sobre a proximidade da vida entre a morte e o amor.

BIOFILMOGRAFIA:

Cláudia Bandeira nasceu em Évora em 1978. É licenciada em Belas Artes / Pintura pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa. A transversalidade da sua obra está patente nos seus trabalhos em cinema, vídeo, pintura, azulejo e caracterização. Para além de diversas vídeo instalações e vídeos, Cláudia Bandeira realizou e produziu em 2002 a curta *Confluências* e em 2003 as curtas metragens *5cm para a morte*, *Mehr Licht*, *City Run* e o filme documentário *O olhar de Soares dos Reis*.

Melhor fotografia (Competição Nacional) no Festival Internacional de Curtas Metragens de Vila do Conde (2003)
Ovarvídeo (2003)
2nd Festival Internacional de Cinema de Angra do Heroísmo (2003)
Caminhos do Cinema português XI (2004)

FICHA TÉCNICA:

REALIZAÇÃO: Cláudia Bandeira
ARGUMENTO: Cláudia Bandeira
FOTOGRAFIA: Cláudia Bandeira
MONTAGEM: Cláudia Bandeira
SOM: Emidio Buchinho
PRODUÇÃO: Time Arts

CONTACTO:

Agência da Curta Metragem
Apartado 214
4481-911 Vila do Conde
Tel: 252 646 683
Fax: 252 638 027 / 252 248 416

MAIL:

agencia@curtasmetragens.pt



A PISCINA

A Piscina
2004, 16', 35mm

SINOPSE:
A forma como atravessamos de uma só vez uma piscina pública faz lembrar a vida desde que se nasce até ao fim.

BIOFILMOGRAFIA:
Iana Viana nasceu em Heidelberg em 1971. Sob influência de António Reis estudou Fotografia em Lisboa. Desde então trabalhou com vários directores de fotografia incluindo Eduardo Serra, Acácio de Almeida, Sabine Lancelin e Vilko Filac. *A Piscina* é o seu primeiro filme.

João Viana nasceu em Angola em 1966. Estudou Direito em Coimbra e Cinema no Porto. Trabalhou nas áreas de realização, produção e escrita de argumento. Trabalhou com Manoel de Oliveira, Paulo Rocha, Saguenail, João César Monteiro, José Álvaro de Moraes, Alberto Seixas Santos, Jean Claude Biette. *A Piscina* é o seu primeiro filme.

Veneza 2004 – Corto Cortíssimo
Estreia na Cinemateca Portuguesa (2005)

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: Iana Viana
João Viana
ARGUMENTO: Iana Viana
João Viana
FOTOGRAFIA: Iana Viana
João Viana
SOM: Rui Coelho
Quico Serrano
MÚSICA: Carlos Guedes
Chaplin
Verdi
Carlos Paredes
Stravinski
DECORAÇÃO: Pedro Garcia
Miguel Inácio
GUARDA-ROUPA: Rosário Moreira
MAQUILHAGEM: Emmanuelle Févre
ACTORES: João Pedro Vaz
Gustavo Sumpta
Inês Fouto
PRODUÇÃO: Paulo Rocha - Suma Filmes

CONTACTO:
Suma Filmes
Regueirão dos Anjos, 68
1150-039 Lisboa
Tel: 213 159 065
Fax: 213 159 066

MAIL:
sumafilmes@mail.telepac.pt



RESISTIR II

CLANDESTINO

Clandestino
2004, 14', filmado em Super 16mm, projectado em Betacam

ESTREIA

SINOPSE:
Alexei, imigrante ucraniano em Portugal há 8 meses, trabalha durante a noite como distribuidor de um jornal ucraniano e aguarda que a mulher, Natasha, chegue a Portugal, juntamente com a sua melhor amiga, Olga. Na noite da chegada da mulher, Alexei toma conhecimento através de Olga que Natasha se encontra retida em Espanha e que virá para Portugal inserida numa rede de prostituição, a actuar em Lisboa. Com o apoio de Olga, Alexei infiltra-se na rede e procura saber quando chega a sua mulher para poderem fugir os dois e retomar a sua vida em Portugal.

BIOFILMOGRAFIA:
Bruno Reinhold Cabral nasceu a 24 de Junho de 1980, em Lisboa. Em 2001 entra na Escola Superior de Teatro e Cinema, que frequenta actualmente na área de montagem. Trabalhou em diversos filmes realiza-dos na ESTC em anotação, produção, e realizou também no âmbito do curso *Cozinha de pressão, Os Justos* e *Clandestino*. No exterior da ESTC realizou e montou alguns documentários sociais e políticos.

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: Bruno Cabral
ARGUMENTO: Carlos Isaac
FOTOGRAFIA: António Alexandre
MONTAGEM: Bruno Cabral
Sara Cruz
Vasco Santos
SOM: Ricardo Fonseca
DECORAÇÃO: Patrícia Raposo
GUARDA-ROUPA: Tânia Marques
ACTORES: Andrei Romashov
Natalia Hrybouskaya
Vangeliya Nikolova
PRODUÇÃO: ESTC

CONTACTO:
ESTC - Jaime Silva
Av. Marquês de Pombal, 22B
2700-571 Amadora
Tel: 214 989 400
Fax: 214 937 620

MAIL:
festival@estc.ipl.pt



VORAGEM

Voragem
2003, 6', Animação, Betacam | Série: Ficções do Assombro

SINOPSE:
Um estranho conluio oculta-se por detrás de um crime político que é manchete informativa. Ao serviço de uma sede de poder corrupta, três mulheres executam o dirigente do partido da oposição.

BIOFILMOGRAFIA:
Rui Manuel Zeferina Cardoso nasceu em Azambuja em 1968. Frequentou o terceiro ano do Curso de Design de Comunicação da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Em 1991 funda a Animostra, Ideias e Imagens Lda. Desde essa altura, tem sido responsável pela criação de personagens, realização, direcção artística e direcção técnica de grande parte do portfólio dessa produtora. *A Maravilhosa Expedição às Ilhas Encantadas, A Demanda do "R", a Família Barata, O Patinho* fazem parte do seu currículo.

Prémios FNAC: Melhor Filme Português em Competição Internacional e Melhor Argumento Português em Competição no CINANIMA 2003
CAMINHOS DO CINEMA PORTUGUÊS, XI edição 2004
Festival de Curtas Metragens do Hospital Júlio De Matos 2004,

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: Rui Cardoso
ARGUMENTO: Humberto Santana
ANIMAÇÃO: Armando Coelho
MONTAGEM: André Militão / MIXTURAS
SOM: Paulo Curado
MÚSICA: Paulo Curado
VOZES: Miguel Borges
Pedro Carraca
Sérgio Gomes
Animação de desenho 2D / lápis sobre papel
PRODUÇÃO: Humberto Santana
Animostra

CONTACTO:
Animostra
Av. 5 de Outubro. 10 - 1º sala 9
1050-056 Lisboa
Tel: 213 157 692
Fax: 213 534 194

MAIL:
anima@animostra.pt



O NOME E O N.I.M.

O nome e o N.I.M.
2003, 25', 35mm

SINOPSE:
O exército português recrutou mais uma vez milhares de cidadãos nacionais para cumprirem o Serviço Militar Obrigatório. Dá-lhes um Número de Identificação Militar (N.I.M.). Na tropa, ninguém se conhece pelo nome próprio. Às dez da noite as luzes vão abaixo nas camaratas.
“Tás a ouvir? Tás a ouvir ou não? Eu não te conheço de lado nenhum, mas para mim és como meu irmão.”

BIOFILMOGRAFIA:
Inês Oliveira nasceu em 1976, Lisboa, a cidade onde vive e trabalha. Estudou no Ar.Co e na ESTC, na área do som. Depois do curso trabalhou essencialmente na edição de som. *O Nome e o N.I.M.* é o seu primeiro filme como realizadora.

Melhor filme no Festival de Curtas Metragens de Vila do Conde (2003)
Melhor curta no Festival International du Nouveau Cinéma et des Nouveaus Médias de Montréal (2003)
Prémio de Revelação para as curtas metragens no 7º Festival Luso-Brasileiro de Santa Maria da Feira (2003)
Melhor Curta Metragem no 16e Premiers Plans no Festival d’Angers

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: Inês Oliveira
ARGUMENTO: Inês Oliveira
FOTOGRAFIA: Daniel Neves
MONTAGEM: Rui Mourão
SOM: Vasco Pimentel
Vasco Pedroso
ACTORES: Miguel Cunha
Ricardo Santos
Rui Neto
Mário Rui Freitas
PRODUÇÃO: Take 2000

CONTACTO:
Agência da Curta Metragem
Apartado 214
4481-911 Vila do Conde
Tel: 252 646 683
Fax: 252 638 027 / 252 248 416
MAIL:
agencia@curtasmetragens.pt



AMANHÃ

Amanhã
2004, 14' 20", 35mm

SINOPSE:
Nuno, um rapaz de nove anos, foge de casa na noite de 24 de Abril de 1974. Está farto das discussões entre a mãe e o padrasto e decide ir ter com o seu pai. Só que não sabe onde o pai mora. Para se esconder da polícia, entra num grande edifício que está a ser abandonado à pressa. Partem carros e pessoas em grande velocidade, ninguém dá por Nuno. Só fica ele com um cão de guarda. A noite já vai tarde e Nuno e o cão adormecem abraçados. Acordam de manhã com gritos vindos da rua. Nuno pensa que é a sua mãe à sua procura e corre à janela ver o que se passa. A rua está cheia de gente, há tanques e soldados. É o 25 de Abril. E Nuno está convencido que foi a sua mãe que fez a revolução só para o encontrar. Só mais tarde saberá que foi na Pide que se foi esconder naquela noite.

BIOFILMOGRAFIA:
Solveig Nordlund nasceu em Estocolmo, Suécia, onde estudou artes e línguas na Faculdade de Estocolmo. Tornou-se portuguesa por casamento. Estudou cinema em Paris como bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian com o realizador Jean Rouch. Depois de 25 Abril de 1974, trabalhou como realizadora nas coope-rativas CINEQUIPA, CINEQUANON e GRUPO ZERO de que foi fundadora e onde realizou diversos documentários e filmes de ficção. Desde 1980 divide o seu tempo entre a Suécia e Portugal, trabalhando em ambos os países como realizadora para cinema e tv e colaborando de perto com algumas produções teatrais. Na televisão especializou-se nos retratos de escritores (Marguerite Duras, J.L. Ballard, António Lobo Antunes...); no ci-nema realizou longas e curtas metragens como *Até Amanhã*, *Mário*, *Comédia Infantil*, *Aparelho voador a baixa altitude*, *A Filha* conseguindo alguns prémios em festivais internacionais e estreando em diversos países de que Suécia e Portugal fazem sempre parte... Finalmente no teatro encenou diversas peças de autores como Harold Pinter, Lårs Noren, Jon Fosse.

Estreia a 25 de Abril de 2004 na RTP e lançamento simultâneo em DVD.
Prémio de Melhor Filme Português no Festival Internacional do Algarve (2004)

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: Solveig Nordlund
ARGUMENTO: Solveig Nordlund
Eduarda Dionísio (diálogos)
FOTOGRAFIA: Lisa Hagstrand
MONTAGEM: Pedro Marques
SOM: Pedro Melo
MÚSICA: Johan Zachrisson
ACTORES: Luis Simões
Carla Bolito
PRODUÇÃO: Manuel João Águas
Ambar Filmes

CONTACTO:
Ambar Filmes
Regueirão dos Anjos, 68
1150-030 Lisboa
MAIL:
ambar_filmes@sapo.pt



APROXIMAR

INTIMIDADE VIDEO II

Eye Spy

Eye Spy
2003, 3' 50", Betacam

SINOPSE:
Um pixel como ponto perfeitamente quadrado. Um corpo como lugar perfeito. Um sinal como a direcção. Uma máquina como Deus. Uma TV como ponto de encontro. Ela está em piloto automático...

BIOFILMOGRAFIA:
Alex Mendes nasceu em 1979. A experimentação tem sido a base do seu trabalho. Depois da escrita e da fotografia, o cinema como lugar derradeiro, onde se pode contar uma história apenas com o movimento de um corpo. Sem uma palavra. Em silêncio absoluto.

Lena Silva nasceu em 1980. Entre 1996 e 1998 estudou artes e trabalhou com fotografia, serigrafia e pintura. Em 2003 tirou o curso de desenho gráfico na ESAD. *Eye Spy* é o seu primeiro vídeo, resultado da colaboração com Alex Mendes.

Marché du Film – Short Film Corner (Cannes) 2004
Festival Internacional de Curtas Metragens de Vila do Conde 2004
Backup – Festival New Media in Film (Alemanha) 2004
Interfilm Berlin – Clipped Program (Alemanha) 2004

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: Alex Mendes
Lena Silva
ARGUMENTO: Alex Mendes
FOTOGRAFIA: Alex Mendes
Lena Silva
MONTAGEM: Alex Mendes
Lena Silva
MÚSICA: Boards of Canada
PRODUÇÃO: Alex Mendes
Lena Silva

CONTACTO:
Agência da Curta Metragem
Apartado 214
4481-911 Vila do Conde
Tel: 252 646 683
Fax: 252 638 027 / 252 248 416

MAIL:
agencia@curtasmetragens.pt



A Fantasiista

A Fantasiista
2003, 6', Animação, Betacam | Série: Ficções do Assombro

SINOPSE:
Uma mulher vende o seu trabalho prestando-se às mais depravadas fantasias sexuais no espaço virtual. Mas tudo é preferível à realidade dos seus dias repletos de dor e solidão e M torna-se a super operadora da maior empresa de pornografia do globo.

BIOFILMOGRAFIA:
André Ruivo nasceu em Lisboa, 1977, onde vive e trabalha. É ilustrador do jornal *Público* e colabora com diversos jornais, revistas e editoras. É autor dos livros *Bug* (Bedeteca, 2001) e *Sleuth Hound Song / Canção do Cão Raivoso* (The Inspector Cheese Adventures, 1998) e do disco *The Monkey Beat* (The Inspector Cheese Adventures, 2003). Participou em várias exposições colectivas de Banda Desenhada, Ilustração e Artes Plásticas: Salão Lisboa, Festival Internacional de BD da Amadora, Jovens Criadores, Bienal de Arte Emergente de Turim, Bienal de Artistas do Mediterrâneo em Sarajevo. Pertence à banda Rollana Beat com quem gravou dois LPs *Big Sneeze* (Metrodiscos, 2001) e *Murdering the Classics!* (Metrodiscos, 2003). Concebeu as cenografias dos Prémios *Blitz96* e *Blitz97* no Coliseu dos Recreios em Lisboa. Neste momento está a realizar a média metragem *Januário e a Guerra*, baseada num argumento de Henrique Ruivo.

Prémio jovem cineasta português no Cinanima 2003
Festival Internacional de Curtas Metragens de Vila do Conde 2003
Fantasporto (Mostra não competitiva) 2004
CARTOOMBRIA (2004, Itália)

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: André Ruivo
ARGUMENTO: Humberto Santana
ANIMAÇÃO: Carla Guita
Irina Calado
MONTAGEM: André Militão
SOM: Paulo Curado
Manuel C. Silva
MÚSICA: Rollana Beat
VOZES: André Ruivo
Carla Guita
Teresa Sobral
Animação de desenho 2D / lápis sobre papel
PRODUÇÃO: Humberto Santana
Animanostra

CONTACTO:
Animanostra
Av. 5 de Outubro. 10 - 1º sala 9
1050-056 Lisboa
Tel: 213 157 692
Fax: 213 534 194

MAIL:
anima@animanostra.pt



ANÓNIMO

Anónimo
2003, 23', filmado em DV, projecção em 35mm

SINOPSE:
A câmara liga-se.
Vemos um homem em roupa interior, sozinho.
Fala para a câmara – “Como te chamas?”
Sem resposta, resta apenas o silêncio electrónico da câmara de vídeo.

BIOFILMOGRAFIA:
João Carrilho nasceu em 1970 e fez *À margem*, uma curta em 35mm (2001) e este *Anónimo*.

Clermont-Ferrand, Mercado de curtas metragens (França, 2003)
Festival Internacional de Curtas Metragens de Vila do Conde (2003)
33rd International Film Festival Rotterdam (2004)
Caminhos do Cinema Português XI (2004)

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: João Carrilho
ARGUMENTO: João Carrilho
FOTOGRAFIA: João Dias
MONTAGEM: Sandro Aguilar
SOM: Luis Botelho
ACTORES: Rui Sérgio
Vera Fontes
PRODUÇÃO: O Som e a Fúria

CONTACTO:
O Som e a Fúria
R. da Sociedade Farmacêutica, 40 3º esq.
1150-214 Lisboa
Tel: 213 582 518/19/21
Fax: 213 582 520

MAIL:
furia@netcabo.pt



LASTRO

Lastro
2004, 27', filmado em super8mm / vídeo, projecção 35mm

SINOPSE:
Dez pessoas. Aos 16 anos, não havia impossíveis. Aos 30, os sítios que antes eram os seus já não lhes pertencem. Voltar a eles parece um falso flashback. Resta a persistência da memória, um lastro de imagens e sons como estilhaços que perturbam o fluir normal de um (re)encontro. Em volta, num contraponto documental, outras pessoas reunidas em rituais quotidianos de convívio e sobrevivência.

BIOFILMOGRAFIA:
Carlos Braga é realizador e técnico de cinema e televisão. É licenciado em Economia pela Universidade do Porto e tem também o curso de cinema (área de montagem) da ESTC. Foi assistente de realização em vários filmes, como *Bósnia - A vida anterior* (no qual foi também responsável pelo som directo) ou *Mulher-Polícia* (onde também fez anotação). Escreveu e realizou as seguintes curtas-metragens: *Anjo Negro* (35mm), *Os dias antes* (vídeo), *Lastro* (super8mm e vídeo). É co-responsável, juntamente com a actriz e produtora Paula Marques, pela criação da empresa Dois Gumes, destinada à produção de cinema, teatro e audiovisuais. A partir de Agosto de 2000 tem trabalhado regularmente em realização para televisão em programas como o *Big Brother* (nas várias edições), *Acorrentados* ou *Jika da Lapa*.

Estreou na Cinemateca Portuguesa dia 17 de Janeiro de 2005

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: Carlos Braga
ARGUMENTO: Carlos Braga
FOTOGRAFIA: Amílcar Carrajola
MONTAGEM: Carlos Braga
SOM: Miguel Martins
GUARDA-ROUPA: Sandra Barradas
MAQUILHAGEM: Araceli Fuente
ACTORES: Ana Brandão
Nuno Lopes
Miguel Loureiro
PRODUÇÃO: Dois Gumes

CONTACTO:
Dois Gumes - Cinema e Teatro Unipessoal, Lda.
Av. 5 de Outubro, 88 - 2º dto.
2890-011 Alcochete
Tel: 210 838 543

MAIL:
doisgumes@netvisao.pt



ESCURECER

O OUTRO LADO

UM CASO BICUDO

Um Caso Bicudo
2003, 6', Animação, Betacam | Série: Ficções do Assombro

SINOPSE:
Uma investigação policial, uma jovem assassinada e um móbil mais que improvável. Mas o inspector Q não desarma e um doido assassino vê o fim dos seus dias de liberdade.

BIOFILMOGRAFIA:
Rui Sousa nascido a 6 de Março de 1966, licenciado em Pintura pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa, em 1992. Fez uma colaboração para o jornal *Diário Popular* em 88/89 com cartoons e caricaturas; fez desenhos e ilustrações para a Radiodifusão Portuguesa; ilustração de livros para a Editorial Caminho, Constância Editores, Texto Editora, e outras. Fez a ilustração de selos para os T.D.C. (Tecnologia das Comunicações), para a revista Rua Sésamo e ainda para a revista das Selecções do Reader’s Digest. Pintou e desenhou cenários para o Museu da Criança. Trabalhou em diversas Bandas Desenhadas como: *Viagens - Pêro da Covilhã*, *O Peixe Contador de Histórias*. Foi animador no filme *A Maravilhosa Expedição às Ilhas Encantadas* produzido pela Animanostra.

Fantasporto (Mostra não competitiva) 2004
Caminhos do Cinema Português, XI edição 2004

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: Rui Sousa
ARGUMENTO: Humberto Santana
ANIMAÇÃO: Carlos Fernandes
Rui Gamito
MONTAGEM: André Militão / MIXTURAS
SOM: Paulo Curado
MÚSICA: João Penedo
VOZES: Andreia Bento
José João Loureiro
Miguel Borges
Animação de desenho 2D / lápis sobre papel
PRODUÇÃO: Humberto Santana
Animanostra

CONTACTO:
Animanostra
Av. 5 de Outubro. 10 - 1º sala 9
1050-056 Lisboa
Tel: 213 157 692
Fax: 213 534 194

MAIL:
anima@animanostra.pt



O SERIAL-KILLER

O Serial-Killer
2004, 22', Betacam SP

SINOPSE:
Jorge Guimarães mudou de casa, de emprego, de cidade, tudo para esquecer quem o deixou. Mas na nova casa passava o tempo à espera que ela ligasse, no novo emprego passava o menos tempo possível, e para a nova cidade nem havia tempo. Após 3 meses na nova vida, tudo o que tinha era a espera sem esperança, muitas moscas à volta e um calor anormal. Passou a matar para passar o tempo. Ficou conhecido como o Serial Killer.

BIOFILMOGRAFIA:
João Costa Menezes é licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, com uma especialização em Ciências Criminais pela Universidade do Porto. Dois anos após a conclusão da especialização decide tirar um curso de realização cinematográfica em Londres, na Panico Studios. Seguiram-se outros cursos ligados à realização de baixo orçamento também em Londres. Realizou, escreveu, produziu diversas curtas metragens e videoclips como *Ballad*, *Akasha*, *My Way*, *Zero*, *Schizo goes shopping*. Escreveu ainda os argumentos de 3 longas metragens, 4 curtas e 1 animação. Foi membro do juri internacional do Fantasporto 2003.

Fantasporto (semana dos realizadores) 2004
Festival de Curtas-metragens de Vila do Conde 2004
Caminhos do Cinema Protuguês 2004

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: João Costa Menezes
ARGUMENTO: Silvana Menezes
João Menezes
FOTOGRAFIA: Ivo Beirão
João Abrunhosa
João Costa Menezes
MONTAGEM: João Abrunhosa
SOM: Mr. Loop
MÚSICA: Fingertips
Determinados Comportamentos
Rebeka Biguria
DECORAÇÃO: Rute Arnóbio
MAQUILHAGEM: Moon Pons
ACTORES: João Menezes
Rebeka Biguria
Eloi Monteiro
PRODUÇÃO: Appia Filmes / Bruta Escena

CONTACTO:
Centro Multimeios de Espinho
Avenida 24, 800
4500-202 Espinho
Tel: 227 331 190
Fax: 227 331 191

MAIL:
pedro@appiafilmes.com



FIGURAS OBRIGATÓRIAS.

Figuras Obrigatórias
2004, 21', Betacam

SINOPSE:
Mário é professor de ciências físico-químicas. Maria é bailarina. Joana só faz o que lhe apetece. O outro persegue Joana e tira-lhe fotografias. Mário conhece Maria. Ambos vão conhecer Joana que conhece o outro que não é importante. *Para cada acção existe uma reacção de igual valor mas de sentido contrário*, Isaac Newton.

BIOFILMOGRAFIA:
Pedro Caldas tem o curso da ESTC. Fazem parte da sua filmografia os seguintes títulos: *Entrada em palco* (1997, documentário); *É só um minuto* (1998) que participou em numerosos festivais e ganhou o prémio de revelação em Santa Maria da Feira; *O pedido de emprego* (1999) considerada a melhor curta metragem em Vila do Conde e no festival de Morbegno, em Itália. Em 2000 fez *Boris e Jeremias* que ganhou o prémio da crítica em Santa Maria da Feira e o prémio Eixo-Atlântico no festival de Ourense, Espanha. Em 2001 realizou *Que tenhas tudo o que desejas* (menção honrosa no Festróia), em 2004 *Da minha janela* e *Figuras Obrigatórias*, ambos em exibição nesta Mostra.

Estreou na Cinemateca Portuguesa em Junho de 2004

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: Pedro Caldas
ARGUMENTO: Pedro Caldas
FOTOGRAFIA: Leonardo Simões
MONTAGEM: Pedro Caldas
SOM: Raquel Jacinto
ACTORES: Filipe Carneiro
Carmo Laginha
Ana Ribeiro
Dinarte Branco
PRODUÇÃO: Luz e Sombra

CONTACTO:
Luz e Sombra
R. Tenente Raul Cascais, nº8 - 1º esq.
1250-268 Lisboa
Tel: 213 331 132
Fax: 213 582 589

MAIL:
luzesombra@mail.telepac.pt



PART-TIME

Part-Time
2003, 13', 35mm

SINOPSE:
Uma mulher recebe um cliente num atelier de pintura. Escondido, um homem observa cautelosamente a mulher e o seu cliente. Ela não revela qualquer tipo de pressa. Procura conhecer melhor o seu cliente fazendo-lhe perguntas que o surpreendem e incomodam. Por fim, a mulher considera-se satisfeita com a conversa que manteve. Resolve premiá-lo confessando-lhe que tem Sida. Assustado, o cliente vai-se embora. O Homem aproxima-se da mulher e elogia-a pelo seu desempenho, cada vez mais convincente. Os dois saem para um jantar romântico.

BIOFILMOGRAFIA:
Jorge Queiroga nasceu em Lisboa em 1963. Frequentou a ESTC em 1981 e a partir desta data iniciou a sua actividade como técnico de cinema, tendo trabalhado como assistente de montagem e sobretudo como assistente de realização em diversos filmes e séries de televisão portugueses e estrangeiros. Em 1993, a par da actividade como técnico de cinema, participa no Franck Daniel Script Workshop em Hamburgo. Desde 1994 tem realizado diversos programas e séries de televisão, bem como documentários para a RTP. Para o cinema realizou: *A Viagem* baseada no conto homónimo de Sophia de Mello Breyner que foi seleccionado para o Festival de Curtas-Metragens de Vila do Conde (1994) e para o Festival de Cinema de Upsalla (Suécia) . Foi emitido pela SIC em 1996. Em 2000 realizou o tele-filme, *Amor Perdido* para a SIC Filmes que foi emitido no mesmo ano. Em 2003 obteve um subsídio do ICAM para realizar a longa-metragem *O Velho Carro de Vitor Losa*, em preparação.

FIKE 2003
Prémio Melhor Curta Metragem em Película no XI Caminhos do Cinema Português (2004)
Menção Honrosa no Festival de Curtas Metragens do Hospital Júlio de Matos (2004)

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: Jorge Queiroga
ARGUMENTO: Jorge Quieroga
Baseado na peça El Cerdo de Mário Fratti
FOTOGRAFIA: Amílcar Carrajola
MONTAGEM: Pedro Gaspar
SOM: Francisco Veloso
MÚSICA: Tomás Pimentel
DECORAÇÃO: João Martins
GUARDA-ROUPA: Carla Figueiredo
MAQUILHAGEM: Almudena Fonseca
ACTORES: Ana Bustorff
Fernado Luís
Almeno Gonçalves
PRODUÇÃO: Pop Fiction

CONTACTO:
Pop Fiction
Rua do Século, 99
1200-433 Lisboa
Tel: 213 431 656
Fax: 213 431 657

MAIL:
popfiction@mail.telepac.pt



RECORDAR
GRÃO DE MEMÓRIA

810x3

810x3
2004, 1'40", Animação, Betacam

ESTREIA

SINOPSE:
810x3 = transforma-se num minuto e quarenta segundos de animação em areia de natureza experimental.

BIOFILMOGRAFIA:
Joana Marques é licenciada em Design industrial pela UL. Colaborou ao nível gráfico com diversos projectos entre os quais EMES#2 (projecto de música experimental), *Morandi vs Thonet* (exposição colectiva na UL), entre outros. Participou ainda no concurso da Experimental Design – *Design Wise* – com um projecto de “suporte para óculos”.

Rodolfo Pimenta é orientador do workshop *Frame a Frame* (que já passou por Cascais e Fundão), realizou um documentário sobre o workshop e diversas animações e curtas metragens, entre as quais está *Curtas Dançadas* que realizou com Nelson Fernandes e com a qual participou nos Jovens Criadores 2003. Foi programador no IMAGO e orientou outros diversos workshops pelo país, todos eles relacionados com a animação.

Aniz (Nelson Fernandes) foi também orientador do workshop *Frame a Frame* e realizou com Rodolfo Pimenta o documentário sobre esta acção no Fundão. Foi assistente de produção no IMAGO onde também colaborou com a selecção e programação. Realizou diversas curtas metragens, algumas com Rodolfo Pimenta, outras a solo. Coordenou diversos workshops por todo o país.

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: Aniz
Rodolfo Pimenta
Joana Marques
MONTAGEM: Rodolfo Pimenta
Nelson Fernandes
MÚSICA: Orlando Neves
Animação de areia
PRODUÇÃO: Rodolfo Pimenta
Nelson Fernandes

CONTACTO:
Cooperativa Cinema Jovem
Av. Eugénio de Andrade, Bloco D, 3º dto Trás
6230-909 Fundão, Portugal
Tel/Fax: 275 771 607

MAIL:
info@imagofilmfest.com



ABALAR

Abalar
2004, 3', filmado em super 8, projecção em 35mm

SINOPSE:
Numa remota estação ferroviária, uma mulher aguarda ansiosamente a chegada de um comboio. Supostamente nele viajará um importante passageiro. Virá, não virá? Um encontro desejado, está ferido de morte pela separação inevitável.

BIOFILMOGRAFIA:
Miguel Clara Vasconcelos (Lisboa, 1971): após 10 anos como encenador de teatro, o seu interesse artístico tem vindo a crescer na área do audiovisual. Neste campo destaca os trabalhos *Tríptico Obreiro* vídeo-instalação exposta no Festival Hertzoscópio *Ida e volta*, vídeo para concerto de Nuno Morão, com várias apresentações, entre outras no Festival FX-101 Noites, *Paisagens Interiores*, vídeo-instalação exposta no Festival Museu Aberto e *Andar na Linha*, curta-metragem exibida no Festival Novas Periferias. Com Maria Antunes realizou o Documentário *Palco Oriental*, no âmbito do Curso de Documentário organizado pela Videoteca Municipal de Lisboa e exibido no 8º Festival de Cinema Gay e Lésbico de Lisboa, no Videocor 2005 (onde obteve uma Menção Honrosa) e Galeria ZDB, integrado na programação da Mostra de Curtas-Metragens “Quintas Curtas”, organizada pela Filme Couture. (Lisboa, 7 de Abril de 2005).

Joaquim Mendes nasceu em Lisboa a 24 de Julho de 1964. Projeccionista e realizador de cinema independente. Realizou vários documentários em super 8 sobre a temática ferroviária.

Fernando Carrilho nasceu em Lisboa a 24 de Setembro de 1974. Tem uma licenciatura em Ciências da Comunicação e Cultura na especialização audiovisual e multimédia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Fez o curso de realização na ETIC e é colaborador da Videoteca Municipal de Lisboa, onde é coordenador de formação e programador do espaço “Ler cinema” e “Café das Imagens”. No núcleo de produção da mesma instituição municipal desenvolve diversos conteúdos audiovisuais: Spots, promocionais, institucionais e documentários. Como realizador independente de Curtas de Ficção e documentários destaca: *Linha 8* (2002). www.freewebs.com/fernandocarrilho

Vencedor do Festival de Super 8 de Lisboa 2004 – Associação Máquina de Fumo
Presença na Mostra de Vídeo Português 2005 – Videoteca Municipal de Lisboa

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: Fernando Carrilho
Joaquim Mendes
Miguel Vasconcelos
ARGUMENTO: Fernando Carrilho
FOTOGRAFIA: Joaquim Mendes
MÚSICA: Liszt, Ballade nº2 in B minor
ACTORES: Sophie Pinto
Sérgio Brás d’Almeida
PRODUÇÃO: Fernando Carrilho
Filmes do Monte

CONTACTO:
Filmes do Monte
Rua Ferreira de Castro, 24 r/c eq.
Sassoeiros
2775-765 Carcavelos
Tel: 214 578 558

MAIL:
fernandocarrilho05@sapo.pt



A CASA ESQUECIDA

A Casa esquecida
2004, 45', 35mm

SINOPSE:

Ivo e Tomás, dois vagabundos voluntários que alimentam a alma de caminhos e grandes ventos. De vez em quando fazem uma paragem, alugando os braços, o tempo necessário para poder, provisões feitas, retomar a estrada. Uma vez, com o sol no máximo e um calor abraçador, o deserto que atravessam parece não ter fim. Já não têm água... ao final do dia, já sem forças, deixam-se cair junto a um arbusto seco. Ivo contempla o nascer da lua, como para se despedir e murmura versos do poema de um advogado que encontraram antes. É então que vê ao longe uma luz. Põem-se a caminho da casa...

BIOFILMOGRAFIA:

A casa esquecida é o segundo filme de **Teresa Garcia**, que também já realizou *A dupla viagem*, uma ficção de 30 minutos.

Festival Internacional de Curtas Metragens de Vila do Conde, 2004

FICHA TÉCNICA:

REALIZAÇÃO: Teresa Garcia
ARGUMENTO: Teresa Garcia
Regina Guimarães (diálogos)
FOTOGRAFIA: Pascal Poucet
MONTAGEM: Pierre-Marie Goulet
Patrícia Saramago
SOM: Francis Bonfatti
MÚSICA: Kudsi Ergüner
ACTORES: Luís Rego
Pedro Hestnes
Gracinda Nave
PRODUÇÃO: Athanor

CONTACTO:

Agência da Curta Metragem
Apartado 214
4481-911 Vila do Conde
Tel: 252 646 683
Fax: 252 638 027 / 252 248 416

MAIL:

agencia@curtasmetragens.pt



PASTORAL

Pastoral
2004, 27', 35mm

SINOPSE:

Uma mulher jovem foge pela estrada, pelos campos, pelas matas. Aparentemente vem da cidade, passou pelos subúrbios, e acaba por chegar a uma zona de pequenas aldeias, pequenos lugares, e pequenas casas. Está assustada, com tudo, com todos. O medo por vezes acalma, mas nunca verdadeiramente a abandona. Aproxima-se então de uma casa, rouba comida, volta no dia seguinte e quase é apanhada pelo dono, um homem jovem, sozinho, mecânico de automóveis, que lida, mais ou menos mal, com os seus clientes. Ela volta, e ele percebe, ou melhor não percebe, mas sente. Sente que não tem motivo para hostilizar. Oferece-lhe comida. Ela, a custo, vai aceitando, cada dia que passa, encurtando distâncias, vencendo o medo. Até que a intervenção de um terceiro personagem a faz voltar ao pânico, à fuga sem direcção...

BIOFILMOGRAFIA:

José Barahona nasceu em 1969. Da sua filmografia constam os seguintes trabalhos: *Moita, Uma estreia em festa, O livro e a viagem sem limites, ... e assim nasceu a ilha de Timor, Por cima de Pedra e Vento, Fica quem mora em Marvão, Vianna da Motta, Cenas portuguesas, Anos de Guerra-Guiné 1963-1974, Sofia de Mello Breyner Anderson, Buenos Aires Hora Zero* todos documentários feitos entre 1997 e 2004. Foi em 2004 que José Barahona realizou este *Pastoral*, a sua primeira ficção curta, logo seguida por *Quem é Ricardo?* no mesmo ano.

Menção Honrosa no Fantasporto 2005

8o Festival de Cinema de Santa Maria da Feira (2004)

9o Festival Internacional de Cine Independente de Ourense (Espanha, 2004)

FICHA TÉCNICA:

REALIZAÇÃO: José Barahona
ARGUMENTO: José Barahona
Francisco Luís Parreira
FOTOGRAFIA: Leonardo Simões
MONTAGEM: Patrícia Saramago
SOM: Emidio Buchinho
ACTORES: Micaela Cardoso
João Miguel Rodrigues
João Lagarto
PRODUÇÃO: Contracosta Produções

CONTACTO:

Contracosta Produções
Rua Vale Formoso, 108 - 1º dto.
1900-830 Lisboa
Tel: 213 863 698
Fax: 213 868 256

MAIL:

contracosta@contracosta.pt



PROVOCAR, CANTAR, VOAR

CURTAS PARA CRIANÇAS II

ZÉ E O PINGUIM

Zé e o pinguim
2003, 10', animação, 35mm

SINOPSE:
O Zé é uma criança que vive atormentada pelas contínuas discussões dos pais, tendo como único amigo um pinguim de peluche que ganha vida quando estão sozinhos.

BIOFILMOGRAFIA:
Francisco Lança nasceu em 1957, Lisboa. Foi bolseiro da Fundação Gulbenkian para estudar animação no *Royal College* de Londres, tendo posteriormente também estudado em Bruxelas e Alemanha. Conceituado ilustrador, com obras publicadas regularmente em periódicos como *Diário de Notícias* e *Público*, Lança é autor de alguns dos mais significativos filmes do cinema de animação nacional, nomeadamente *Mar Português*, *Ana*, *História do Reino Pintalgado* e *África*. Actualmente colabora nos estúdios de animação IMAGINÁRIO.

Prémio competição Avanca no AVANCA 2003 - Festival Internacional de Cinema, Tv, Vídeo e Multimédia
1º Prémio no 3º Festival de vídeo de Corroios – VIDEOCOR 2003
Seleccionado para o ANNECY 2004

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: Francisco Lança
ARGUMENTO: Francisco Lança
Joana Imaginário
ANIMAÇÃO: Francisco Lança
Vítor Lopes
MONTAGEM: Carlos Silva
SOM: Fernando Rocha
MÚSICA: António Vitorino d’Almeida
VOZES: Emília Silvestre
Clara Nogueira
Rui Oliveira
PRODUÇÃO: Cine Club de Avanca

CONTACTO:
Cine Club de Avanca
Rua Dr. Egas Moniz, 159
3860-078 Avanca
Tel: 234 884 174
Fax: 234 880 658

MAIL:
festival@avanca.com

URL:
www.avanca.com



HÍSSIS

Híssis
2003, 26', Animação, Betacam

SINOPSE:
Ao entardecer, Carlos perde-se dos amigos... Lea, Pedro e Rafa partem em busca dele, procuram por toda a serra e vila de Sintra, mas em vão. Era já noite e só havia um sítio onde faltava procurar... o Castelo dos Mouros. Apesar do medo que sentiam, partem para o castelo. Na vila, os pais estavam já preocupados. Não era a primeira vez que desaparecia uma criança, e falava-se de um monstro... Híssis.

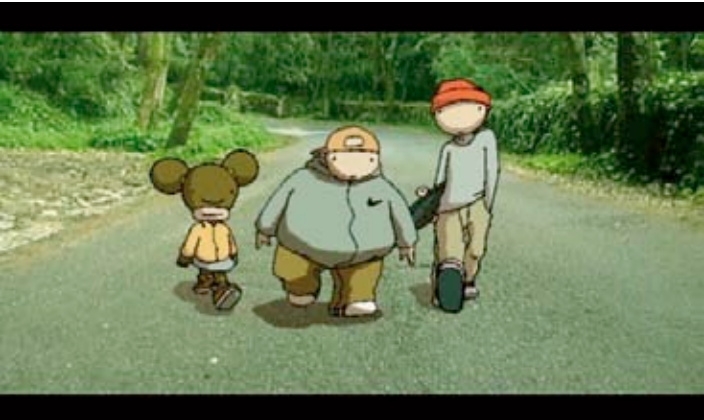
BIOFILMOGRAFIA:
Nuno Ricardo Castro Beato nasceu a 18 de Abril de 1977, em Lisboa. A sua formação centra-se na animação, tendo frequentado diversos cursos e workshops nomeadamente na produtora Animais, na Fundação Calouste Gulbenkian e no Cine Clube de Avanca. Trabalhou com as produtoras de animação Animais, Animanostra e Zeppelin Filmes. Actualmente trabalha na sua própria produtora, Lampadacesa, e é também monitor pelo 4º ano consecutivo do curso de Animação de Volumes no *Atelier de Técnicas Narrativas* da Fundação Calouste Gulbenkian. Foi animador em diversos filmes publicitários, nomeadamente no filme *Um Bongo* onde foi ainda director de animação. Participou como animador na série *Angelitos* de Humberto Santana, nos filmes *De cabeça perdida* e *Taxi* de Isabel Aboim e no filme *Caixa Negra* de Nuno Amorim, onde também participou na construção de personagens. Realizou e produziu os filmes *Tv* e *Manos*. Neste momento é animador da curta-metragem *Cândido* realizada por José Pedro Carvalheiro.

Caminho do Cinema Português XI (2004)
Festival de Curtas Metragens do Hospital Júlio de Matos (2004)
CINANIMA – Festival Internacional de Cinema de Animação de Espinho (2004)
Roshd International Film Festival (Irão, 2004)

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: Nuno Beato
ARGUMENTO: Nuno Beato
Tânia Serra
FOTOGRAFIA: Fernando Amaral
Nuno Beato
ANIMAÇÃO: Cristiano Salgado
Nuno Beato
Lorenzo Degli’Innocenti
MONTAGEM: Nuno Beato
SOM: Paulo Almeida
VOZES: Celeste Lago
Joana Brandão
Martim Pedroso
Desenho em papel - 3D por computador
PRODUÇÃO: Lâmpa Acesa

CONTACTO:
Lâmpa Acesa
Rua Cidade da Horat, 12 r/c esq.
1675-110 Pontinha
Tel/Fax: 214 780 432

MAIL:
site@lampadacesa.com



AS PAÇOTAS DE NOVI

As aventuras de Móli
2004, 13 x 4', Animação, Betacam

SINOPSE:

Móli é uma série de pequeno formato destinada às crianças. A personagem é uma tartaruga bebê que depois de nascer vai viver para uma pequena ilha no Mar dos Corais onde tem uma boa vida, longe do mundo dos homens, na companhia dos peixes e dos bichos marinhos. Móli partilha as aventuras com os seus amigos: Fáfá, a lagosta; Lúcinho, o cavalo-marinho; Piriri, o ouriço-do-mar, e muitos outros.

BIOFILMOGRAFIA:

Ricardo Blanco nasceu em Lisboa, na Freguesia de Alvalade, a 6 de Setembro de 1972. Depois de ter passado pela banda desenhada e pelas artes gráficas, iniciou-se na animação em 1997, num curso de formação desenvolvido pela produtora Animanobra. Trabalhou como animador e intervalista em diversos filmes desta produtora. Após um intervalo de um ano na Magictoons, regressou à Animanobra em 2000 onde se encarregou de todo o conteúdo gráfico do suplemento dominical do Correio da Manhã *Os patinhos* e onde criou o grafismo do *Patonga*, uma das personagens do universo criado por Rui Cardoso. Realizou também as ilustrações para o livro do Patinho “2001 - Odisseia no Porto”.

Em Fevereiro de 2001 iniciou a pré-produção da série infantil de animação *As aventuras de Móli*, da qual é o realizador e o criador gráfico de todas as personagens, dos ambientes e os respectivos estudos de cores. Nesta série foi ainda o autor dos storyboards, dos lay-outs, da pintura dos backgrounds e director de animação dos 13 episódios da série.

Trabalha actualmente na pintura dos backgrounds da série da Animanobra *O turno da noite*.

Faz actualmente parte da programação da :2 (RTP)

FICHA TÉCNICA:

REALIZAÇÃO: Ricardo Blanco
ARGUMENTO: Humberto Santana
Sofia Vilarigues (colaboração)
ANIMAÇÃO: Carla Guita
Fiona Nunes
Irina Calado
Lorenzo Degli'Innocenti
Ricardo Blanco
Rui Gamito
Osvaldo Medina

SOM: Nuno Gelpi
Paulo Curado - Estúdio Animais

MÚSICA: Paulo Curado

VOZES: Teresa Sobral

Humberto Santana

João Vaz

José João Loureiro

PRODUÇÃO: Humberto Santana
Animanostra

CONTACT:

Animanostra
Av. 5 de Outubro, 10 - 1.ª sala 9
1050-056 Lisboa
Tel: 213 157 692
Fax: 213 534 194

MAIL:

anima@animanostra.pt



COSY

Cosmix
2004, 8', Animação, Betacam

SINOPSE:

Cosme, um astronauta bonacheirão com uma vida amorosa turbulenta, vê-se um dia perdido num distante sector espacial, sem gasolina e com uma surpresa à espreita...

BIOFILMOGRAFIA:

Primeiro filme de Agostinho Marques

Melhor filme de Animação no OVARVÍDEO 2004

Marché du Film Court – Clermont-Ferrand (França, 2005)

FICHA TÉCNICA:

REALIZAÇÃO: Agostinho Marques
ARGUMENTO: Agostinho Marques
ANIMAÇÃO: Agostinho Marques
MONTAGEM: Emanuel Raimundo
SOM: Estúdios Xangri-lá
MÚSICA: Estúdios Xangri-lá
Animação em 3D
PRODUÇÃO: João Pedro Gonçalves
Arqui 300

CONTACT:

Agência da Curta Metragem
Apartado 214
4481-911 Vila do Conde
Tel: 252 646 683
Fax: 252 638 027 / 252 248 416

MAIL:

agencia@curtasmetragens.pt



AS AVENTURAS DO PATINHO

As aventuras do patinho
2004, 2 x 1'30", Betacam

SINOPSE:

Novos episódios e novas canções do personagem O Patinho.

BIOFILMOGRAFIA:

Rui Manuel Zeferina Cardoso nasceu em Azambuja em 1968. Frequentou o terceiro ano do Curso de Design de Comunicação da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Em 1991 fundou a Animanostra. Desde essa altura, tem sido responsável pela criação de personagens, realização, direcção artística e direcção técnica de grande parte do portfólio dessa produtora. Fazem parte do seu currículo: *A Maravilhosa expedição às Ilhas Encantadas*, *A demanda do "R"*, *A Família Barata*.

O episódio do Patinho e os Piratas foi exibido na RTP / :2 em Janeiro de 2005.
O episódio do Patinho no Oeste foi exibido em Abril de 2005 também na :2.

FICHA TÉCNICA:

REALIZAÇÃO: Rui Cardoso
ANIMAÇÃO: Armando Coelho
Bruno Abreu
MONTAGEM: Estúdio MIXTURAS
SOM: Estúdio Animais
MÚSICA: Paulo Curado
Hermínio Fernandes (letra)
VOZES: Teresa Sobral
PRODUÇÃO: Humberto Santana
Animanostra

CONTACTO:

Animanostra
Av. 5 de Outubro, 10 - 1º sala 9
1050-056 Lisboa
Tel: 213 157 692
Fax: 213 534 194

MAIL:

anima@animanostra.pt



REBOBINAR
REVIEW FAST FORWARD

A DAMA DA LAPA

A Dama da Lapa
2004, 8’ Animação, Betacam

SINOPSE:
HAAAAA..... MEU AMOR..... VRRRRRRUUUMMMM..... HHOOOOO..... PUM PUM..... SOCORRO..... RA-TA-TA-TA-TATA..... TICHEM... GRRRR..... TCHAC..... HÃÃÃÃ.... UAAAUUUU!!!!!!!!!!

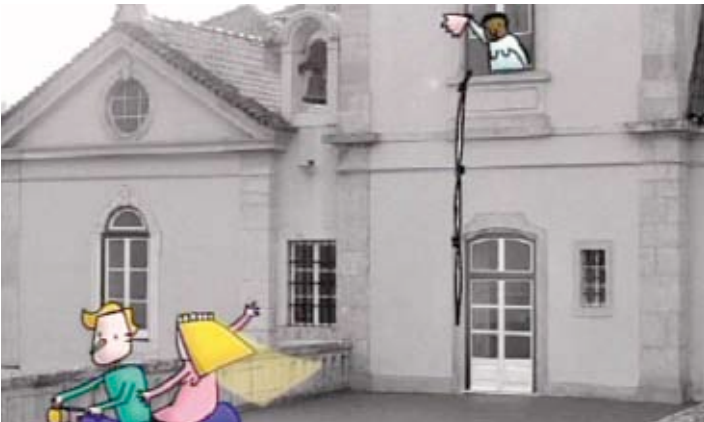
BIOFILMOGRAFIA:
Joana Toste nasceu em 1970. Estudou em diversas escolas de design, animação e pintura: Design Industrial na Glasgow School of Art – Centro Português de Design e no IADE, animação na Tobistoon, pintura na Sociedade de Belas Artes de Lisboa. Frequentou também vários workshops relacionados com a animação em Berlim, Portugal, ... Realizou e animou filmes de animação para a *Rua Sésamo*, fez trabalhos de ilustração para várias revistas, fez o design e a animação para a peça de teatro *Chá Doce* (Companhia Teatro de Almada), orientou workshops de animação para crianças,...

Prémio FNAC para o Melhor Argumento Português no CINANIMA 2004

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: Joana Toste
ARGUMENTO: Alex Gozblau
Joana Toste
FOTOGRAFIA: Luís Canau
Vânia Amado
ANIMAÇÃO: Joana Toste
MONTAGEM: João Camplon
SOM: Nuno Gelpi, Paulo Curado
MÚSICA: Manuel João Vieira
Desenho em papel, animação 2D por computador, fotografia
PRODUÇÃO: Luis da Matta Almeida
Zeppelin Filmes

CONTACTO:
Agência da Curta Metragem
Apartado 214
4481-911 Vila do Conde
Tel: 252 646 683
Fax: 252 638 027 / 252 248 416

MAIL:
agencia@curtasmetragens.pt



O PACIENTE

O Paciente
2003, 6’, Betacam, Animação | Série: Ficções do Assombro

SINOPSE:
“D” acorda no manicómio e perturba-se com os flashes de memória que, apesar de tudo, não lhe permitem o entendimento da camisa-de-forças. E, no mais genuíno terror, termina a sua angústia abandonando-se ao abismo da loucura.

BIOFILMOGRAFIA:
Pedro Brito nasceu no Barreiro a 04-10-75. Iniciou a sua actividade no cinema de animação em 1993, através do curso de formação de assistentes de animação na TOBISTOON. Depois de um interregno, para frequentar o Curso Superior de Design Gráfico no I.A.D.E., começa a colaborar com a ANIMANOSTRA em várias produções, nomeadamente *O Jardim da Celeste*, *Os Patinhos*, como assistente de animação e posteriormente como animador. Participa também na série *Angelitos* como artista de layout. É co-realizador da média metragem *A Estrela de Gaspar*, sendo também responsável pela criação gráfica. De momento está a realizar a curta-metragem *Sem Dúvida... Amanhã*. Trabalha também em Banda Desenhada e em ilustração, tendo publicado já vários livros.

Prémio Melhor Animação Ovar Vídeo 2003
Festival Internacional de Curtas Metragens de Vila do Conde 2003
Festival Intern. de Cine de Granada (Programa Freak Night) 2004
ANIFEST 2004 Trebon - The International Festival of Animated Films – Categoria de Curtas Metragens (República Checa)
Marché du Film – Short Film Corner, Cannes 2004
ANIMAMUNDI Rio Janeiro e S Paulo 2004
5º Fest Court Metrages de Lille (seleccionado para participação) 2005

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: Pedro Brito
ARGUMENTO: Humberto Santana
ANIMAÇÃO: Rui Gamito
Carlos Fernandes
MONTAGEM: André Militão / MIXTURAS
SOM: Paulo Curado
MÚSICA: Maestro Nick Nicotine IV
Animação de desenho 2D-lápis sobre papel
PRODUÇÃO: Humberto Santana
Animanostra

CONTACTO:
Animanostra
Av. 5 de Outubro, 10 - 1º sala 9
1050-056 Lisboa
Tel: 213 157 692
Fax: 213 534 194

MAIL:
anima@animanostra.pt



HOJE FOI AMANHÃ.

Hoje foi amanhã
2003, 11', 35mm

SINOPSE:

Ao acordar de manhã para ir para o trabalho, um indivíduo depara-se com um problema não muito habitual: não consegue sair de casa, como se estivesse fechado no infinito. Quando consegue chegar finalmente ao exterior repara que algo de estranho se passa à sua volta. Será que a realidade está distorcida? Ou será que a distorção da realidade é apenas uma ilusão finita? Será que “hoje foi amanhã”?

BIOFILMOGRAFIA:

Quaresma Vieira é realizador e argumentista. É igualmente fotógrafo, tendo o seu trabalho sido exposto e premiado em diversas ocasiões. Este é o seu primeiro filme.

Caminhos do Cinema Português (Coimbra 2003): Melhor Curta Metragem de Ficção
Fantasporto 2004: Secção Oficial Competitiva de Curtas Metragens Fantásticas

FICHA TÉCNICA:

REALIZAÇÃO: Quaresma Vieira
ARGUMENTO: Quaresma Vieira
FOTOGRAFIA: Francisco Vidinha
MONTAGEM: Quaresma Vieira
SOM: Pedro FX
ACTOR: António Cardoso
PRODUÇÃO: Jorge Neves

CONTACTO:

Alfândega Filmes
Rua Nova de Alfândega, 108 - 1º
4050-431 Porto
Tel: 222 088 152
Fax: 222 088 153

MAIL:

alfandega-filmes@iol.pt



UM CÍRCULO PERFEITO

Um círculo perfeito
2003, 8', 35mm

SINOPSE:

Isto não vai resultar. Falta o corpo do assassino.

BIOFILMOGRAFIA:

Carlos Ramos nasceu em 1971. Tirou o curso de cinema na ESTC na área de produção. Desde 1995, o ano em que completou o curso, tem trabalhado na produção de cinema e director técnico de espectáculos de dança e festivais de teatro. *Um Círculo Perfeito* é o seu primeiro filme.

Festival Internacional de Curtas Metragens de Vila do Conde (2003)
Festival Internacional de Cine Independiente de Ourense (Espanha, 2003)
Regensburger Kurzfilmwoche (Alemanha, 2003)
Tirana Film Festival (Albânia, 2003)
12th Mediterranean Festival of New Film Makers Larissa (Grécia, 2004)
Marché du Film Court – Clermont Ferrand (França, 2004)
Fantasporto (Panorama) (2004)
FICA (2004)

FICHA TÉCNICA:

REALIZAÇÃO: Carlos Ramos
ARGUMENTO: Carlos Ramos
FOTOGRAFIA: Miguel Sales Lopes
MONTAGEM: Sandro Aguilar
SOM: Mafalda Roma
ACTORES: Luis Elgris
Rui Quintas
Francisco Camacho
PRODUÇÃO: O Som e a Fúria

CONTACTO:

O Som e a Fúria
Rua da Sociedade Farmacêutica, 40 - 3ºesq
1150-214 Lisboa
Tel: 213 582 518/19/21
Fax: 213 582 520

MAIL:

furia@netcabo.pt





Undo
2004, 30', Betacam

SINOPSE:
Um conto de fadas da era electrónica:um adolescente encontra um computador, com o poder mágico de desfazer períodos da sua vida. Basta fazer *Undo*.

BIOFILMOGRAFIA:
José Filipe Costa nasceu em 1970. É licenciado em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa e especializou-se em jornalismo televisivo através de um estágio na RTP 2. Em 1996 começou a olhar mais atentamente o cinema completando uma pós-graduação sobre *A imagem ao poder : as Políticas para o cinema entre 1974 e 1976* com a orientação de José Manuel Costa. Em 2001 fez o mestrado também em Ciências da Comunicação pela mesma Universidade e em 2002/2003 ingressou o EURODOC SCRIPT, programa de formação de argumento para documentário (Bruxelas, Lisboa). Realizou diversos documentários para cinema e televisão. *Entremuros*, *Senhorinha* são os seus documentários cinematográficos, *Undo* é a sua primeira obra de ficção.

Fantasporto 2005
Edição na compilação 4 Curtas Portuguesas (vol.4) FBF/FNAC
Faz parte do Programa de Itinerância Cinematográfica

FICHA TÉCNICA:
REALIZAÇÃO: José Filipe Costa
ARGUMENTO: José Filipe Costa
Ana Isabel Strindgberg
Baseado numa ideia original de Victor Santos
FOTOGRAFIA: João Ribeiro
MONTAGEM: Patricia Saramago
SOM: Olivier Blanc
MÚSICA: James Uhart
ACTORES: Tiago Castro
Ana Carolina Dias
PRODUÇÃO: LX Filmes

CONTACTO:
LX Filmes
Rua das Damas. 1 - A
1100-193 Lisboa
Tel: 218 821 446
Fax: 218 821 451

MAIL:
lxfilmes@clix.pt

